PLACAR

SCORE Editora
ED. 1513 JULHO 2024 R$ 15,00
7 893614 113074

ENTREVISTA
Artur Jorge, o homem que recuperou a autoestima do botafoguense

VOLTA POR CIMA
A saga do futebol gaúcho após a tragédia climática no estado

NENHUM ATAQUE NO PAÍS SE ENTENDE TÃO BEM QUANTO HULK E PAULINHO. COM O VETERANO PARAIBANO E O JOVEM CARIOCA EM FORMA, O GALO PODE DERRUBAR QUALQUER DEFESA. CONHEÇA A FÓRMULA QUÍMICA DESSA PARCERIA

ESPECIAL
KINGS, X1, TEQBOL... POR QUE 'NOVOS FUTEBÓIS' AGRADAM TANTO A GERAÇÃO Z

A MELHOR DUPLA DO BRASIL

AGORA A PLACAR CABE NA PALMA DA SUA MÃO

A TRADICIONAL REVISTA BRASILEIRA AGORA ESTÁ NO MUNDO DIGITAL PARA UNIR, EMOCIONAR, CONTAR E RECONTAR A MAIOR PAIXÃO DO BRASIL! SAIBA UM POUCO MAIS SOBRE PLACAR DIGITAL, O NOVO APP DA PLACAR!

Um novo jeito de curtir a paixão pelo futebol através de conteúdos, interações e recompensas, com toda a emoção e a credibilidade da PLACAR.

PLACAR
DIGITAL

O app PLACAR Digital chegou para revolucionar a maneira como os torcedores vivenciam o futebol, oferecendo uma experiência única de conhecimento, entretenimento e diversão. Com a plataforma, os usuários podem se envolver em análises detalhadas de seus clubes favoritos, desfrutar de conteúdos exclusivos, acessar o calendário das partidas, ficar atualizados sobre as novidades com notificações e participar de sorteios de prêmios incríveis.

"PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol, combinando a paixão pelo esporte com informação de qualidade e diversão garantida", destaca Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do aplicativo. E tudo isso é possível graças a funcionalidades inovadoras e ao melhor conteúdo.

> "PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol"
>
> *Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do app PLACAR DIGITAL*

1. CONTEÚDOS

Os usuários têm à disposição uma série de conteúdos diários para se manterem atualizados sobre o mundo do futebol, incluindo vídeos, notícias, entrevistas exclusivas e acesso aos bastidores, proporcionando uma experiência informativa e envolvente.

2. INTERAÇÕES

Os fãs têm a oportunidade de participar de quizzes temáticos, pesquisas e palpites de jogos e, com isso, ganhar moedas digitais, que podem ser trocadas por prêmios especiais.

3. RESGATES

Os torcedores podem aproveitar suas moedas conquistadas no app para resgatar super recompensas, como ativos digitais, descontos em lojas, lugares privilegiados em estádios pelo país e MUITO mais.

Experimente agora mesmo o app PLACAR! Digital e divirta-se.

BAIXE AGORA
Google Play
App Store

DISCORDE À VONTADE

Se toda unanimidade é burra, como afirmou Nelson Rodrigues, PLACAR pode se orgulhar de ter levantado debates de altíssimo nível. Quem não gosta de uma boa discussão, de um papo de boteco repleto de subjetividades? Quem jogou mais? Quem foi maior? Por que fulano é tão subestimado? Ao longo de 54 anos de história, a revista estampou uma série de polêmicas e se arriscou a cravar manchetes que provocaram burburinho. A controvérsia é mais do que bem-vinda, mas jamais gratuita. O embasamento dos argumentos é pré-requisito, ainda que estejamos sempre abertos ao contraditório.

Em 1998, pegando carona na excepcional atuação de Gamarra na Copa do Mundo da França, na qual o paraguaio não fez uma falta sequer, a redação designou o jogador do Corinthians como o melhor zagueiro do planeta. O camisa 4 atendeu às expectativas e terminou aquele ano erguendo a taça do Brasileirão como capitão alvinegro – ainda que pudesse haver defensores mais qualificados em outras partes do globo. Dez anos depois, a redação mexeu em um vespeiro ainda maior ao comparar duas lendas do futebol paulista: o são-paulino Rogério Ceni ou o palmeirense Marcos, quem é o melhor?

A reportagem apresentava raios-X, tira-teimas, história e opiniões de diversos especialistas, incluindo os próprios competidores, grandes amigos. Seis jurados ouvidos por PLACAR (os jornalistas Maurício Noriega, Paulo Vinícius Coelho, Mauro Beting e Paulo Calçade, mais os ex-jogadores Müller e Neto) avaliaram os arqueiros em seis critérios, e o resultado final colocou um deles ligeiramente à frente. Para quem quiser relembrar o eleito, vale a visita ao blog #TBT PLACAR, que todas as quintas-feiras recupera um te-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Klaus Richmond, entre Hulk e Paulinho, no CT do Galo, e as capas que levantaram debates sobre Gamarra, Marcos e Rogério Ceni

souro de nossos arquivos.

De volta a 2024, a redação conseguiu colocar no papel uma ideia que levou alguns meses para amadurecer. É até difícil puxar pela memória quando o tema foi levantado pela primeira vez: como jogam bola e se entendem esses dois, hein? Será que há no Brasil alguma dupla de ataque melhor do que Hulk e Paulinho? Dados e argumentos para celebrar a dupla do Galo, que em 2023 foi responsável por 61 gols do time, não faltavam. Chegou então o aguardado OK dos atletas para realizar o ensaio e a entrevista que dariam ainda mais solidez à afirmação.

"Deu para perceber que, apesar da diferença de idade e estilo de vida, a sintonia entre os dois vai além do gramado. Eles riam e se divertiam o tempo todo, na gravação e nos bastidores", conta Klaus Richmond, o repórter escalado para viajar a Belo Horizonte e descobrir por que a parceria entre o veterano paraibano e o jovem carioca deu tanta liga. Klaus, Hulk e Paulinho até posaram em trio para as lentes do fotógrafo Alexandre Battibugli, mas em campo eles não abrem mão: o 4-4-2 é o esquema ideal.

Eis uma das nuances do debate proposto por PLACAR. O Atlético-MG é hoje um dos raros times do país a atuar com dois atacantes, enquanto a maioria opta por ataques com dois pontas e um centroavante, o que amplia ainda mais a discussão. Na reportagem de capa desta edição, Rodolfo Rodrigues, o especialista em estatísticas de PLACAR, comparou os números de Hulk e Paulinho aos de outros atacantes da Série A e aos de outras parcerias que marcaram época. "Eles formam a melhor dupla atualmente, mas não engraxam a chuteira de Washington e Piá", brinca o ponte-pretano Battibugli. É ou não é uma delícia entrar nestes debates? ■

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI

ÍNDICE

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

CEO: Gustavo Leme
Redator-chefe: Luiz Felipe Castro
Editor: Gabriel Grossi
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: André Avelar, Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Rodolfo Rodrigues
Diretor Comercial: Sandro Santos
Executivo Comercial: Milton Lima
Planejamento: Guilherme Fortis
Mídias Sociais: Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni, Gabriel Rodrigues, Jessica Gomes e Marcio Komesu
Estagiários: Guilherme Azevedo, Mari Simões e Pedro Cohem
Revisão: Renato Bacci
Equipe de vídeo: João Vítor Fagá e Marcelo "Celu" Lima

Colaboraram com esta edição:
Kaio Figueiredo (pesquisa de fotos) e Marcelo Padron (ilustração)

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1513 (EAN: 789.3614.11307-4), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro.

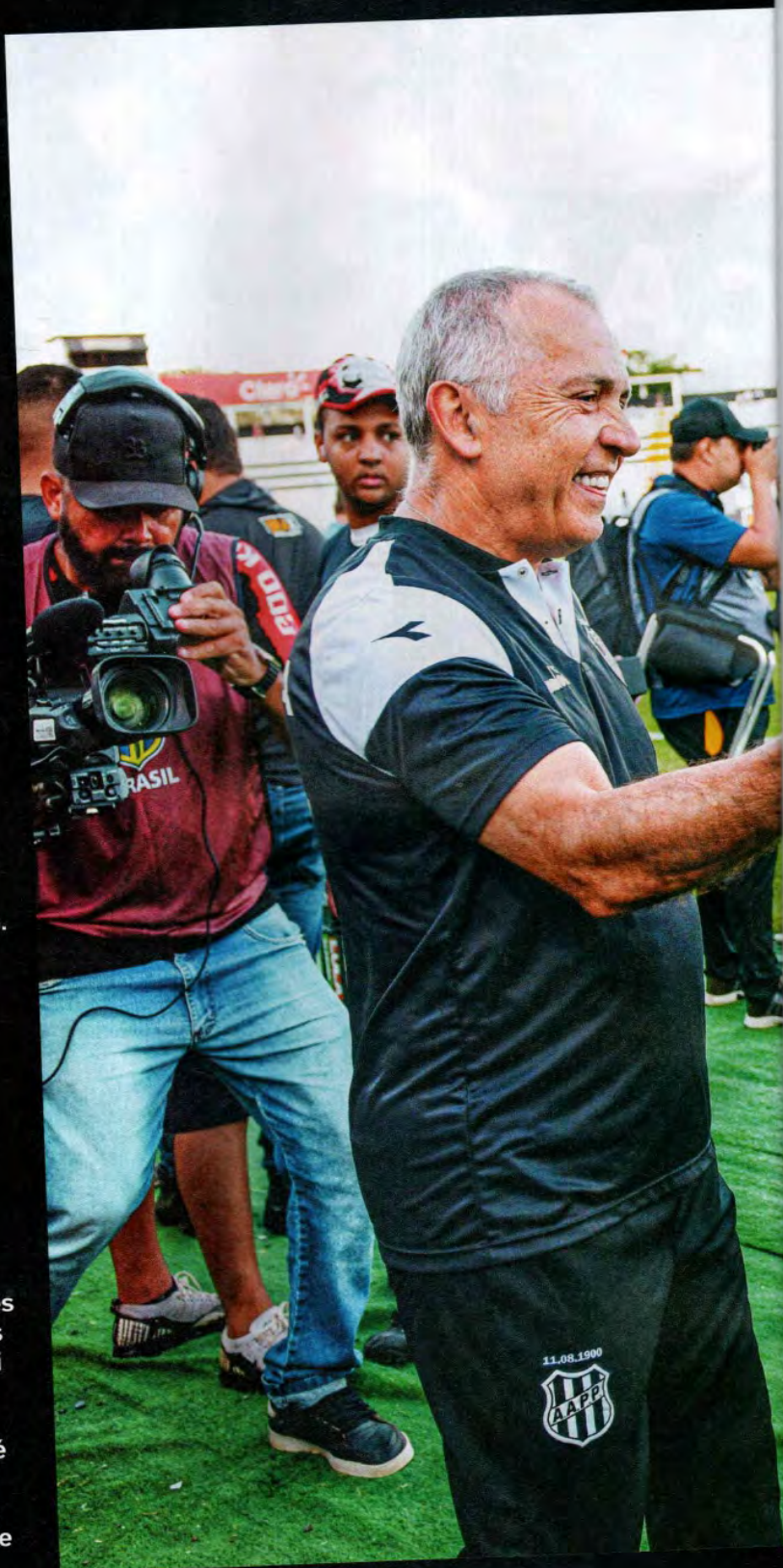
IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

FORTALEZA EC

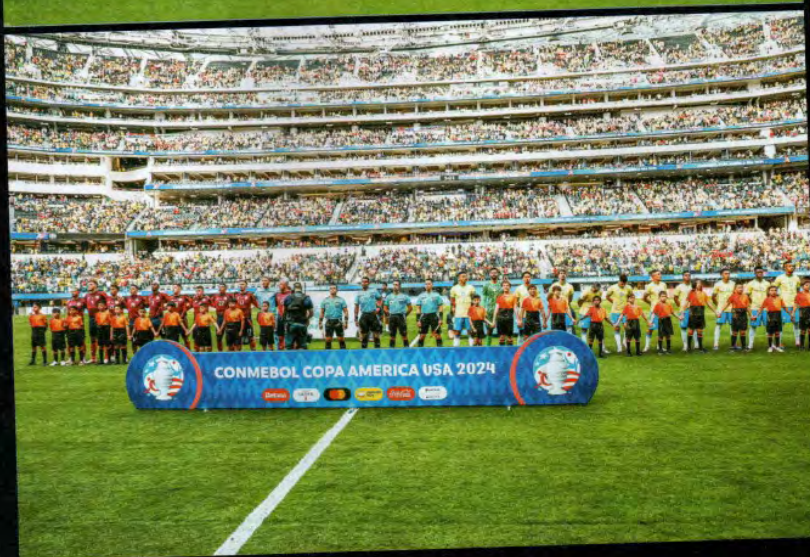
OS REIS DO NORDESTE

Foi com emoção até o fim. No jogo de ida, 2 a 0 para o Fortaleza. Na volta, dia 9 de junho, o CRB foi para cima, poderia ter feito mais gols, mas devolveu o placar. Resultados iguais pedem decisão por pênaltis. E aí o tricolor cearense fez a festa na casa do adversário, com direito a recorde de público no Estádio Rei Pelé, consolidando ainda mais sua posição de time nordestino com mais troféus nos últimos anos. Até 2019, o Leão do Pici nunca havia vencido a Copa do Nordeste, que completou agora sua 21ª edição. Desde então, venceu o torneio três vezes (está atrás apenas da dupla Ba-Vi, com quatro títulos cada um), além de ser o único clube da região a disputar a Série A nesses seis anos, terminar um Brasileirão em quarto lugar, disputar a Libertadores e a Sul-Americana (foi vice em 2023), chegar à semifinal da Copa do Brasil e conquistar cinco dos seis últimos Campeonatos Cearenses. A Lampions 2024 é também o quinto título conquistado pelo técnico argentino Juan Pablo Vojvoda desde que chegou ao clube, em maio de 2021.

DE PAI PARA FILHO

Carlo Ancelotti, no Real Madrid, trabalha com um filho como assistente. Tite, no Flamengo, e Dorival Jr., na seleção, também. O que se viu em campo no dia 16 de junho, porém, é menos comum. Pela décima rodada da Série B do Brasileirão, enfrentaram-se Ponte Preta e Novorizontino, no Estádio Moisés Lucarelli, em Campinas. No banco de reservas do time da casa estava o veterano Nelsinho Baptista, 73 anos, que atuou como lateral da própria Macaca entre 1967 e 1971 e é treinador desde 1985, com passagens por Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Inter e vários times do Japão, entre outros (está em sua quarta passagem pelo clube campineiro). Já os visitantes atuavam sob o comando de Eduardo Baptista, 54, em seu décimo ano de carreira. Ao se cumprimentarem, antes da partida, o garoto falou várias vezes "Obrigado, pai". O confronto entre pai e filho dominou também a entrevista pós-jogo. "O dia de hoje vai ser inesquecível", afirmou Eduardo. "Ele é meu ídolo e, independentemente do resultado (a Ponte ganhou por 1 a 0), eu fui vencedor. Hoje passou um filme pela minha cabeça."

ALEXANDRE BATTIBUGLI

VERÃO DA ALEGRIA

Festa de rico é outra coisa, né? As edições 2024 da Euro e da Copa América começaram (respectivamente em 14 e 20 de junho) com muita animação nas ruas e estádios. É fato que, na Alemanha (a maior potência econômica da Europa), o espetáculo está ainda mais impressionante, com direito a diversas "invasões" de torcedores de países vizinhos, como Holanda, Polônia e até Albânia – pena que não deu para a seleção do técnico Sylvinho, que só conseguiu um empate com a Croácia e caiu ainda na fase de grupos. Nos Estados Unidos, nem sempre as arquibancadas estiveram lotadas (é dureza encarar Venezuela x Equador, certo?). E o futebol também ficou um pouco abaixo do mostrado do outro lado do Atlântico, como já era de se esperar – ainda mais com gramados levemente menores do que o normal. Mas, sem dúvida, o "teste" para o Mundial de 2026, que os americanos vão sediar junto de Canadá e México, mostrou-se bastante eficaz. No verão do hemisfério norte, com calor e cerveja gelada, não faltou alegria em torno de uma bola. ■

FOTOS GETTY IMAGES

CARNE E UNHA

WASHINGTON E ASSIS, MÜLLER E CARECA, PAULO NUNES E JARDEL, MARQUES E GUILHERME... AS ANTIGAS PARCERIAS QUE MARCARAM ÉPOCA NO FUTEBOL BRASILEIRO PARECEM CADA VEZ MAIS RARAS EM TEMPOS MODERNOS. RESPONSÁVEIS POR 61 GOLS DO ATLÉTICO-MG EM 2023, SEM CONTAR COM AS ASSISTÊNCIAS, ALÉM DE OUTROS 21 NESTA TEMPORADA, HULK E PAULINHO CONTRARIAM O FIM DE UMA ERA – E PARECEM FEITOS UM PARA O OUTRO. ELES GARANTEM:

‘SOMOS A MELHOR DUPLA DO PAÍS’

Por: Klaus Richmond, de Belo Horizonte (MG)
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Na Cidade do Galo, dupla atleticana posa para a PLACAR. 'Vem por trás dele, Hulk', instrui o fotógrafo Alexandre Battibugli. 'Eu, hein? Lá ele', devolve o sorridente Paulinho

Paulinho, 23 anos, tinha só 4 quando Hulk, hoje com 37, pisou pela primeira vez em campo como jogador de futebol profissional. Foi em 9 de setembro de 2004, no Estádio Manoel Barradas, o Barradão, com a camisa número 17 do Vitória às costas e um físico bem diferente do corpanzil que lhe rendeu o apelido de super-herói.

Seis anos depois, em 2010, Paulinho atraía olhares no Rio de Janeiro como destaque do futsal do Madureira. Hulk, por sua vez, terminava a temporada – em maio de 2011 – como principal artilheiro do Porto, além de melhor jogador de Portugal. Em 2014, já como prodígio na base do Vasco, Paulinho viu pela TV a Copa do Mundo do Brasil, enquanto o hoje companheiro atuava na seleção dirigida por Felipão.

Mais de dez anos após aquele triste Mundial, o paraibano e o carioca hoje formam no Atlético-MG o que eles próprios proclamam ser a melhor dupla do futebol brasileiro. "Modéstia à parte, pelos números, formamos a melhor dupla", afirma Hulk à PLACAR. "Sem dúvida. Estamos só confirmando o que dizem os números", completa Paulinho.

Vamos a esses números, então. Os dois marcaram 61 dos 92 gols anotados pelo Galo em 2023 (mais de dois terços do total, 31 de Paulinho e 30 de Hulk), a maior soma em uma temporada na história de 116 anos do clube. Como se isso não bastasse, acrescente 22 assistências (oito de Paulinho e 14 de Hulk).

A diferença de idade não interfere em nada com a bola rolando – e também fora de campo. A ponto de Hulk ter convencido o companheiro a comer um leitão, além de tê-lo ensinado a gostar de arrocha, gênero originário do Nordeste. Nas folgas, vivem juntos em churrascos e futevôlei. "É sempre na casa do Hulk", brinca Paulinho. No último ano, convenceram o técnico Felipão a não mudar o esquema tático e pôr fim à parceria, que quase virou trio. "Ele queria me botar para a ponta e argumentamos que era melhor manter o que estava funcionando", conta Paulinho.

Hulk chegou ao Galo há pouco mais de três anos e logo virou um grande ídolo. Autor de 104 gols pelo clube, ganhou sete títulos e comandou o ano mágico de 2021, marcado pela conquista da tríplice coroa (Mineiro, Copa do Brasil e Brasileirão). Paulinho retornou após cinco anos no Bayer Leverkusen, da Alemanha. Foi amor à primeira vista. "Houve uma conexão", argumentam.

Na atual temporada, já são 12 gols do camisa 10 e nove do experiente 7. Agora eles desafiam o tempo – e até as propostas – para perpetuar a história. Recentemente, ao ouvir a notícia sobre uma possível saída, Hulk cobrou o companheiro: "Você está de brincadeira, é? Vai sair?". Paulinho negou, aos risos. Que seja eterna enquanto dure essa parceria perfeita.

MELHORES, SIM!

A DUPLA DO GALO ASSEGURA: É A MAIS LETAL DO PAÍS. DESDE A FORMAÇÃO, EM 2023, JÁ SÃO 82 GOLS MARCADOS, 33 ASSISTÊNCIAS E UMA ESPÉCIE DE 'HULK-PAULINHO DEPENDÊNCIA'.

Muitos apontam vocês como a melhor dupla de ataque do futebol brasileiro na atualidade. Também enxergam isso?
PAULINHO: Sim.
HULK: Sim, sem dúvida.

Por que sem dúvida, Hulk?
H: Modéstia à parte, pelos números, formamos a melhor dupla do futebol brasileiro.

Então PLACAR está mesmo diante da melhor dupla do país?
H: A gente não está falando nada *(risos)*. Estamos só confirmando o que os números dizem.
P: Acho que os números falam por nós. Retornei ao Brasil mais maduro e encontrei um jogador experiente como o Hulk, com uma história absurda no futebol brasileiro e mundial. Com o que conseguimos fazer no último ano, nós nos tornamos o melhor ataque do Brasil.

Em 2023 foram 61 gols juntos, 22 assistências e mais de dois terços dos gols marcados pelo Atlético-MG. Como deu tão certo?
H: Cara, acho que quando encontramos jogadores com qualidade só facilita o nosso jogo, o próximo passe. O Paulinho é um jogador muito inteligente para explorar bem os espaços, faz o movimento correto. É um cara tecnicamente muito acima da média. Como falamos: os números falam por nós. Procuramos trabalhar sempre com humildade e com os pezinhos no chão. Vem dando certo. Queremos continuar esse entrosamento por muitos anos com títulos.

Vocês são de gerações diferentes, têm 37 e 23 anos. Hulk estreou profissionalmente em 2004, enquanto o Paulinho, só em 2017. Já pararam para pensar em tudo isso que envolve vocês?
P: Houve uma conexão primeiro no dia a dia. Com isso, no momento do jogo que mais precisava, conseguíamos nos entender. Deu muito certo também porque conversamos bastante, tanto nos treinamentos como nos jogos, para poder procurar mais um ao outro nas partidas e ver se aquilo dava resultado para o time. Essa conexão é importante para jogadores que querem alcançar o mais alto nível no futebol.
H: Se você disser daqui a dois anos que vai ter uma dupla de ataque com 14 anos de diferença, as pessoas vão tomar um susto. Não é normal. Eu me cuido bastante e tive a felicidade de o Paulinho ter voltado cedo para o Brasil. Nosso relacionamento é muito bom fora de campo também. Conversamos sobre o comportamento da equipe adversária, como está posicionada a linha defensiva. Procuramos entender como forçar. Se os zagueiros vêm me marcar, ele vai mais para o jogo. Se vou buscar a bola, ele busca mais nas costas. São coisas que temos no decorrer das partidas.

Antes de você, o Hulk teve jogadores com estilos diferentes ao lado dele desde 2021: Keno, Diego Costa, Vargas...
H: Isso vai muito de acordo com a formação tática que a gente joga e do treinador. Já vinha com o [Eduardo] Coudet e agora com o Gabi [Gabriel Milito]. Eles gostam de ter dois atacantes jogando perto, então facilita para nós. Há um distanciamento quando jogamos com três atacantes, com dois mais soltos encontramos mais liberdade, entrosamento e conexão. Então a formação tática que encontramos ajuda bastante para termos essa leveza e entendimento.

Tem alguma dupla aqui no futebol brasileiro que vocês comentem mais?
P: No momento? Difícil, dupla de ataque mesmo eu não vejo no Brasil.
H: Na verdade, dependendo da formação, não é bem uma dupla. Tem time que joga com três atacantes e dois se destacam mais. Então, acabam falando de uma dupla, mas no nosso caso já é um pouco mais diferente, porque nós, sim, atuamos com dois atacantes.

PEDRO SOUZA / CAM

"EU ME CUIDO BASTANTE E TIVE A FELICIDADE DE O PAULINHO TER VOLTADO CEDO"

'O CÉU É O LIMITE PARA ELES'

Marques, autor de 133 gols em 386 jogos pelo Atlético-MG, é o nono artilheiro da história do clube. Atuou de 1997 a 2002, 2005 a 2006 e 2008 a 2010

"Hulk e Paulinho têm tudo: gols, assistências, força, química... É muito parecido com o que construí com Guilherme. Não sou de comparar épocas, o mais legal é a afinidade entre os dois para construir jogadas e finalizar tantas vezes. Noto que não são parceiros só dentro de campo, também sou amigo do Guilherme até hoje, amo esse cara.

Hulk e Paulinho são uma dupla que já está marcando época, mas vejo características diferentes das nossas. Os dois gostam de vir de trás, procuram muito um ao outro para fazer o um-dois. Éramos diferentes, eu jogava mais na beirada e precisava de um atacante de referência, de um finalizador. O Guilherme era esse cara, bastava uma bola em 90 minutos. Tínhamos características complementares. Paulinho e Hulk se assemelham em quase tudo, mas também dão certo.

O céu é o limite para os dois. Eles estão em franca atividade, bem fisicamente. Fico na torcida para quebrarem todos os recordes. No final, é a alegria da torcida do Galo que conta."

EUGÊNIO SÁVIO

Atacante foi destaque no vice-campeonato brasileiro de 1999

AS DUPLAS DA ELITE EM 2024

Formadas com base nos dois atacantes com mais gols por cada time da Série A*

1 **FORTALEZA** 29 GOLS
Lucero 19 | Moisés 10

FLAMENGO 29 GOLS
Pedro 24 | Everton Cebolinha 5

3 **BOTAFOGO** 24 GOLS
Júnior Santos 18 | Tiquinho Soares 6

CUIABÁ 24 GOLS
Isidro Pitta 17 | Clayson 7

5 **ATHLETICO-PR** 23 GOLS
Mastriani 13 | Pablo 10

ATLÉTICO-GO 23 GOLS
Luiz Fernando 16 | Emiliano Rodríguez 7

7 **ATLÉTICO-MG** 21 GOLS
Hulk 9 | Paulinho 12

8 **PALMEIRAS** 20 GOLS
Flaco López 13 | Rony 7

SÃO PAULO 20 GOLS
Calleri 9 | Luciano 11

10 **BAHIA** 19 GOLS
Everaldo 8 | Thaciano 11

CORINTHIANS 19 GOLS
Yuri Alberto 14 | Wesley 5

12 **VASCO** 18 GOLS
Vegetti 13 | David 5

13 **JUVENTUDE** 16 GOLS
Gilberto 7 | Lucas Barbosa 9

14 **RED BULL BRAGANTINO** 15 GOLS
Eduardo Sasha 8 | Helinho 7

15 **GRÊMIO** 14 GOLS
Diego Costa 7 | Gustavo Nunes 7

16 **INTERNACIONAL** 12 GOLS
Enner Valencia 6 | Wesley 6

VITÓRIA 12 GOLS
Osvaldo 6 | Alerrandro 6

18 **FLUMINENSE** 11 GOLS
Cano 5 | Jhon Arias 6

19 **CRICIÚMA** 9 GOLS
Éder Citadin 4 | Felipe Vizeu 5

CRUZEIRO 9 GOLS
Arthur Gomes 4 | Juan Dinenno 5

Fonte: Blog do Rodolfo Rodrigues
*Números até o dia 1º/7

MEXER PRA QUÊ?

APÓS A SAÍDA DE COUDET, ELES PRECISARAM CONVENCER O EXPERIENTE FELIPÃO A NÃO MUDAR O ESQUEMA TÁTICO PARA SEGUIREM JUNTOS. TIME MANTÉM FORMAÇÃO COM DOIS ATACANTES COM GABRIEL MILITO.

Antigamente era muito comum vermos grandes duplas: Müller e Careca, Bebeto e Romário... Mas o futebol foi mudando e ficou mais raro ver formações táticas com dois atacantes. Fazem essa mesma leitura?

P: A cada ano que passa o futebol se moderniza, mais informações vão chegando. Há mais caminhos para formar uma equipe. Antes de chegar, o Coudet já tinha me ligado e conversado comigo mostrando a forma dele de jogar. Seria a primeira vez que atuaria dessa maneira, pisando bastante na área pelo fato de o time ser muito intenso e os meias, bastante utilizados. E deu certo. Conseguimos resultados, as nossas características ajudaram bastante. A parceria funcionou. O Hulk me deu muito mais assistências por sua característica, por sempre ter jogado mais de frente [para o gol]. Eu estou aprendendo isso agora.

Então nos cinco anos de Leverkusen você nunca teve um parceiro de ataque? É a melhor posição em que já atuou?

P: Nunca, eu jogava por fora (pelas pontas) ou como um meia, mesmo, então acho que adquiri uma nova maneira de jogar. Foi uma boa descoberta. Me senti muito à vontade, até mesmo na troca de treinador, com o Felipão chegando. Conversamos bastante porque, em alguns momentos, ele queria me botar para a ponta e explicamos que era melhor manter o que estava funcionando.

Ou seja, a manutenção da dupla passou por vocês o convencerem a manter o esquema tático antigo?

P: Sim, mas ele também tinha noção de que dava certo quando jogávamos mais próximos, com mais liberdade. Com certeza isso ajudou bastante na minha maneira de jogar.

H: A formação tática ideal leva muito em consideração as peças que se tem. Conversávamos bastante com o Felipão que precisaríamos continuar jogando com dois atacantes. Porque os jogadores de beirada, e rápidos, haviam saído: Keno, [Jefferson] Savarino, Dylan [Borrero] e [Cristian] Pavón. Então, tivemos que mudar um pouco o estilo de jogo. Tem treinador que gosta do 4-3-3, 4-2-1-3 ou 4-1-2-3, mas precisa entender quais são as peças disponíveis. Normalmente, quando você joga no 4-3-3, são dois pontas rápidos que gostam de ir para dentro, driblam em velocidade. Quando você não os tem, precisa adaptar. Se colocar um meia para jogar aberto, ele até vai fazer a função, mas não terá aquela intensidade de buscar bola nas costas, de ir para o um contra um. É melhor mudar a formação para um 4-4-2, ou um 3-5-2. Pelas peças que temos, encaixamos muito nessa formação, e o Milito nos dá liberdade total. Ele já veio com uma formação que encaixa para nós e isso mostra uma evolução do nosso time.

Olhando para as duplas que fizeram história, vocês têm uma preferida?

P: Eu acho que Romário e Ronaldo [na seleção brasileira]. Durou pouco, mas pela história...

H: A seleção do Brasil de 2002, campeã do mundo, tinha Ronaldinho Gaúcho fazendo magia e era completa, né? Mas na Copa eu gostei muito do Ronaldo e do Rivaldo. O Rivaldo se destacou mais pelos gols, então acabou virando a dupla, sendo que um era meio-campista.

P: Eu ia bastante para estádio com o meu pai, sempre conversávamos muito sobre futebol. Tinha uma dupla que ele gostava bastante, era fã: Romário e Alex Dias, no Vasco de 2005.

H: Vou falar outra que ouvi falar, mas não jogar: Reinaldo e Éder. Pronto.

Felipão e a dupla: pentacampeão foi convencido de que 4-4-2 era o ideal

No Porto, o Hulk fez parceria com o Falcão García. Teve o russo Artem Dzyuba no Zenit e outros no futebol chinês. Algum deles pode ser comparado ao que estão vivendo no Galo?

H: Muitos falam da época do Porto, né? Lá jogávamos com três atacantes: eu, Falcão e o [Silvestre] Varela.

PEDRO SOUZA / CAM

Quando não jogava Varela, era o James [Rodríguez]. Então não existia uma dupla de ataque. Começaram a falar de Hulk e Falcão porque eu fazia muitos gols, dava assistências, e ele nem se fala. Era botar a bola na área que estava lá. Na temporada 2010/2011 eu fiz 35 gols e o Falcão, 38. Passaram a nos colocar como dupla, mas não formávamos uma dupla. Até mesmo com o Dzyuba, no Zenit, eu jogava um pouco mais aberto, dava assistências. A dupla mesmo foi com o Paulinho, devido ao esquema tático. Não existe melhor, são características diferentes.

P: No Vasco eu cheguei a jogar um pouco com o Luís Fabiano. Ele também já estava em reta final de carreira, não teve a parceria de ataque como foi aqui. No Leverkusen nunca joguei com alguém ao lado. O mais próximo disso foi com o Kai Havertz, hoje no Arsenal. Quando a gente jogava junto, se entendia bem.

'MELHOR DUPLA DA HISTÓRIA'

Guilherme, autor de 139 gols em 205 jogos pelo Galo, é o sétimo artilheiro da história do clube. Atuou de 1999 a 2002 e retornou em 2003

XXX MARCONNE / CBF

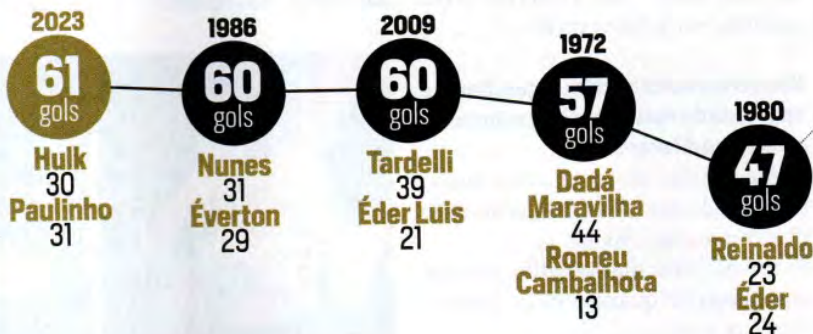
Finalizador nato, ídolo Guilherme cita diferenças com a dupla atual

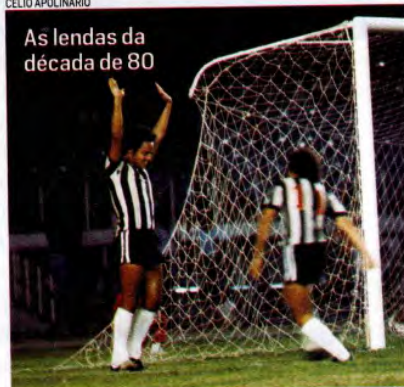
"Hulk e Paulinho formam a melhor dupla de ataque da América do Sul. Não tenho dúvida alguma. A gente começa a entender que o Atlético-MG mudou de patamar quando teve nomes como Ronaldinho, Hulk... E aí faz uma dupla de ataque com Paulinho que é impressionante.

Eles são totalmente diferentes de nós, os dois jogam fora da área. Nenhum deles é centroavante como eu fui. Eu era da última bola, os dois têm uma condição de arrastar a marcação que eu não tinha. Eu tinha uma finalização ótima, mas não o pacote completo.

Estamos falando de Hulk, alguém muito acima da média, assim como o Paulinho. O Marques era inteligência, agilidade, driblava sem tocar na bola, conhecia os espaços. É absurda a média de gols dos dois, não tem o que comparar. Vão ser a melhor dupla da história do Galo, sem dúvidas, têm muita qualidade. Hoje o Atlético-MG cresceu como clube, estrutura, tudo, tem uma grande equipe ao redor deles que vai fazer com que sejam os melhores."

MARCA DE RESPEITO

HULK E PAULINHO REESCREVERAM A HISTÓRIA. EM 2023, DEIXARAM PARA TRÁS NUNES E ÉVERTON (1986) E TARDELLI E ÉDER LUIS (2009) COMO A DUPLA MAIS GOLEADORA EM UMA ÚNICA TEMPORADA NO CLUBE.

CÉLIO APOLINÁRIO

As lendas da década de 80

Fonte: Atlético-MG

PARCEIROS, MAS NÃO IGUAIS

UM É PARAIBANO, OUTRO CARIOCA. UM GOSTA DE SAMBA E PAGODE, OUTRO DE SERTANEJO, FORRÓ E ARROCHA. DE ESTILOS PARECIDOS EM CAMPO, PORÉM BEM DIFERENTES FORA DELE.

Vocês têm coisas em comum: o faro de gols, a preocupação com a parte física... Falam muito sobre esse cuidado extra?

P: Percebi cedo o quanto intenso ficou o futebol. Entendi que tinha que me preparar cada vez mais para estar apto para jogar na intensidade que hoje o nível mundial pede. Treino [à parte] quase todo dia e, claro, faço a programação do clube. Isso me ajuda. Vemos como exemplo o Hulk e outros jogadores mais velhos. Eles conseguem jogar em nível muito alto, como se fossem jogadores novos.

H: O Paulinho se cuida bastante, vai prevenir lesões e esticar a carreira por muitos anos. As pessoas me perguntam se sempre fui focado assim. Digo que trabalhava forte, nunca gostei de ficar fora de treino, mas a parte de prevenção de lesão vem de seis anos para cá. A idade começou a chegar, então precisei me cuidar mais. Uso muito a explosão muscular, preciso estar bem para não ter lesões. E aqui no Brasil é uma loucura, a gente joga 60, 70 jogos por ano, mais as viagens. Tudo isso exige muito. Sempre procuro fazer esse trabalho para manter a parte física em dia.

Mas certamente há diferenças. Como é a parceria de vocês fora? O gosto musical é muito diferente?

P: Até que não. Eu sou mais do samba e do pagode, por toda a minha história.

H: É carioca, né? *(risos)*

P: Sou carioca, mas o Hulk também gosta bastante quando coloco minhas músicas *(risos)*.

H: Sim, curto pagode, também. Sou fã.

Tem algum grupo ou intérprete específico que curtem juntos?

P: Foi a época de um grupo nos holofotes. Surgem muitos cantores, grupos... Outros que vão ressurgindo e voltando a cantar músicas que tocavam antigamente.

H: Agora ele só quer ficar escutando Nadson O Ferinha.

P: Ah, foi uma das coisas que adquiri do convívio com ele. Não tinha esse gosto musical voltado para o forró, para o sertanejo. Agora, escutando com ele e com os caras do grupo, eu gosto um pouquinho, sim *(risos)*.

Vocês moram no mesmo condomínio em Lagoa Santa. Se visitam? Quem bate mais na porta do outro?

P: Sim, sim, jogamos futevôlei juntos, marca churrasco... Vou mais na casa do Hulk *(risos)*.

H: O pessoal gosta de bagunçar lá em casa.

A alimentação é muito diferente? Já encararam pratos típicos?

H: Paulinho encarou um leitão que eu fiz. Comeu todinho.

P: Foi a minha primeira vez, nunca havia comido.

H: Pior que fui eu que preparei. Deixei marinando de um dia para o outro, mas ele não acredita até hoje. Só botei meu pessoal para ficar olhando para não queimar, mas eu que fiz todo o preparo.

E o Paulinho já te fez comer algo do Rio, Hulk? O convívio trouxe um "carioquês"?

P: É mais difícil, né? Ele já está mais velho...

H: Já estou velho para isso, para pegar sotaque. O meu, paraibano, eu não perco, não. Sou raizeiro.

E um indica filme para o outro? Uma série ou algo assim nas folgas?

P: Nas folgas, acabamos vivendo mais. Marca churrasco, futevôlei, geralmente estamos juntos. Não só nós como o pessoal do grupo que gosta. Isso é legal. Tem que entender também que eu sou mais novo, Hulk é mais velho. Ele é casado, eu sou solteiro e... temos vidas distintas.

Melhorar parar por aqui?

P: Melhor, melhor... *(risos)* Melhor parar por aqui.

H: Eu sou mais sossegado. Quando tem folga de dois dias, marcamos nosso churrasco, futevôlei... Fico aproveitando com meus filhos e a esposa.

ARQUIVO PESSOAL / INSTAGRAM

ARQUIVO PESSOAL / INSTAGRAM

Paulinho na festa, Hulk em casa: no gramado, eles se entendem

NÃO SE VÁÁÁ... NÃO ME ABANDONE, POR FAVOR

EM GRANDE FASE, PAULINHO É ALVO DE CLUBES DE FORA DO PAÍS. HULK ATÉ 'PERMITE' A SAÍDA DO PARCEIRO, MAS APENAS PARA UM GIGANTE DA EUROPA. ELE DIZ QUE JOGA PELO MENOS ATÉ OS 40.

Hulk, você atuou por nove temporadas no futebol europeu e agora muito se fala sobre um retorno do Paulinho para lá. Como vê essa hipótese?

H: Sempre falo: ele é jogador de Europa. Não desmerecendo o futebol brasileiro, que tem nosso respeito, mas pela qualidade que tem. Ele sabe que os melhores da idade dele estão lá, então é um cara que procuro ajudar bastante. Tem potencial para estar na seleção, trabalha bastante.

Mas vocês conversam sobre isso?

H: Muito pouco. Outro dia saiu uma notícia de que ele iria para outro país, não era na Europa. Falei para ele: "Está de sacanagem, né?". Para sair daqui, tem que ser para a Europa, algo do patamar dele. Com o que vem jogando, tem que ser Europa, até porque os holofotes estão lá e tem qualidade para isso.

JOILSON MARCONNE / CBF

Histórico: o penta mineiro diante da torcida do Cruzeiro

E onde acha que ele se encaixaria melhor pelo estilo, caso essa possibilidade surja?

H: Isso é muito relativo, mas, pela qualidade técnica que tem, pela forma de jogar, creio que na Espanha. E, se fosse na Inglaterra, dava para jogar no Manchester City ou Arsenal, que são times que gostam de ter a bola.

E você, Paulinho, tem alguma preferência?

P: É complicado falar isso, né? As cinco ligas da Europa têm um nível muito alto. É claro que eu tenho que ir para um lugar que vá valer a pena para mim: Inglaterra, Espanha... Eu já joguei na Alemanha, acho que eu não voltaria para lá. É difícil dizer isso, mas acho que não. Espanha e Inglaterra são os lugares onde minhas características podem casar mais.

Há o temor pelo fim da parceria por uma saída do Paulinho, mas e você, Hulk, segue até quando ainda atuando no futebol?

H: Até os 40 acho que dá. Tenho contrato até 2026, depois vemos *(risos)*.

Vocês falam a respeito de marcar época juntos? O primeiro ano foi bom, mas conversam sobre tentar repetir um legado como o da dupla formada por Marques e Guilherme?

P: Conversamos bastante sobre conquistas, queremos muito. Juntos, melhor ainda. Estamos marcando nossa história pelos gols, assistências, momentos vividos, mas espero que possamos conquistar títulos. Desde que voltei, meu maior objetivo é conquistar a Libertadores. Com certeza nos marcaria na história do Galo. Não só nós dois, como todo o elenco.

H: Sim, mas se nos cobrarmos muito acaba gerando pressão, e sempre pensamos no coletivo. Sei que, se eu estiver bem, vou ajudar o Paulinho. Se o Paulinho estiver bem, vai me ajudar. E, consequentemente, ajudaremos todo o grupo. Precisamos que os dois estejam bem, assim vamos ter mais êxitos, mais vitórias do que derrotas. Meu maior sonho, sem dúvida, é ganhar a Libertadores. Meu maior desejo é o Mundial. Temos que trabalhar muito, manter os pés no chão sendo perseverantes.

PARES ICÔNICOS

EM 2023, DUPLA DO GALO FEZ 61 GOLS (31 DE PAULINHO E 30 DE HULK), MARCA SEMELHANTE À DE OUTRAS PARCERIAS AFINADÍSSIMAS DESTE SÉCULO.

EUGÊNIO SÁVIO

CRF

GABIGOL e BRUNO HENRIQUE
FLAMENGO – 2019
78 GOLS (43 e 35)

DARYAN DORNELLES

JADER DA ROCHA

RENATO PIZZUTTO

RENATO PIZZUTTO

RENATO PIZZUTTO

EDISON VARA

SPORT

RENATO PIZZUTTO

JADER DA ROCHA

EUGÊNIO SÁVIO

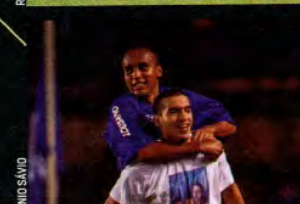
PABLO KENNEDY

KLÉBER PEREIRA e ALEX MINEIRO
ATHLETICO-PR – 2001
69 GOLS (50 e 19)

NEYMAR e ANDRÉ
SANTOS – 2010
68 GOLS (42 e 26)

FRANÇA e LUÍS FABIANO
SÃO PAULO – 2001
65 GOLS (45 e 20)

JONAS e BORGES
GRÊMIO – 2010
62 GOLS (42 e 20)

MAGNO ALVES e BILL
CEARÁ – 2014
61 GOLS (37 e 24)

ROMÁRIO e ALEX DIAS
VASCO – 2005
60 GOLS (30 e 30)

NONATO e ROBGOL
BAHIA – 2002
59 GOLS (33 e 26)

DEIVID e ARISTIZÁBAL
CRUZEIRO – 2003
57 GOLS (29 e 28)

DODÔ e ANDRÉ LIMA
BOTAFOGO – 2007
56 GOLS (34 e 22)

GUILHERME e MARQUES
ATLÉTICO-MG – 2001
55 GOLS (32 e 23)

FRED E RAFAEL MOURA
FLUMINENSE – 2011
55 GOLS (34 e 21)

CLODOALDO e VINICIUS
FORTALEZA – 2002
52 GOLS (26 e 26)

FERNANDÃO e SÓBIS
INTER – 2005
51 GOLS (25 e 26)

EDILSON e OBINA
VITÓRIA – 2004
50 GOLS (22 e 28)

DIMBA e ARAÚJO
GOIÁS – 2003
49 GOLS (32 e 17)

ALEX MINEIRO e KLEBER GLADIADOR
PALMEIRAS – 2008
49 GOLS (37 e 12)

ANDRÉ e DIEGO SOUZA
SPORT – 2017
48 GOLS (27 e 21)

BILL e MARCOS AURÉLIO
CORITIBA – 2011
47 GOLS (27 e 20)

DEIVID e GIL
CORINTHIANS – 2002
43 GOLS (30 e 13)

GRAFITE e KENO
SANTA CRUZ – 2016
42 GOLS (24 e 18)

ROBGOL e IARLEY
PAYSANDU – 2003
39 GOLS (26 e 13)

VOLTA POR CIMA E SELEÇÃO

HOJE EM ALTA, ELES TAMBÉM PRECISARAM DE REDENÇÕES PESSOAIS NO RETORNO AO BRASIL. HULK SE SENTIA DESPRESTIGIADO POR RÓTULOS E PAULINHO QUERIA RECUPERAR O AMOR PELO FUTEBOL.

Vocês voltaram para o Brasil sob desconfiança. O Hulk rotulado como um jogador somente de força, enquanto o Paulinho, como uma aposta arriscada. Foi uma volta por cima para os dois?

P: Minha volta ao futebol brasileiro foi uma questão pessoal de tentar resgatar o meu prazer de ir treinar, do meu dia a dia. Tinha perdido isso na Alemanha, principalmente durante o período da minha lesão. Consegui dar a volta por cima lá, jogar uma temporada inteira, fui para a Olimpíada e isso me deu uma confiança absurda, mas, como estava chegando ao final do contrato, por questões pessoais, preferi um retorno para poder estar mais perto da minha família e de alguma maneira tentar alavancar a minha carreira de forma diferente. O Rodrigo Caetano foi essencial, me mostrou que aqui era o clube certo para eu voltar.

H: Saí muito cedo, e os brasileiros só começaram a me conhecer jogando pela seleção. E lá você acaba abdicando um pouco das características para poder ajudar. Abdiquei muito das minhas características. Até mesmo na Copa joguei mais marcando do que atacando, mas me orgulho de ter vestido a amarelinha, ter dado o meu melhor. Por isso, uma das vontades que eu tinha era de poder voltar a jogar no Brasil para que as pessoas questionassem, criticassem ou elogiassem em cima do que viam. No Atlético-MG elas estão acompanhando tudo de muito perto.

Paulinho na seleção: campeão olímpico, ele recebeu nova chance com Diniz

PEDRO SOUZA / CAM

Te marcou muito isso, de comentarem sobre você somente em cima de recortes de alguns lances?

H: O problema mesmo é não acompanhar. Quando cheguei, em 2021, o Cuca me chamou para conversar e falou que o Brasileirão era puxado. Comentou que fiz poucos jogos no ano anterior. Eu expliquei que foi por causa da bolha da pandemia [de Covid-19] que o Chinês parou, mas que estava acostumado a fazer mais. Ele falou que não seria fácil. Eu respondi: "Quem foi o melhor jogador do Brasileirão de 2020?" Ele disse "Marinho". E falei: "E ele estava jogando onde antes? Na China". Expliquei que ele estava no banco, com dificuldades. O Marinho tem muita qualidade, gosto dele porque é um jogador rápido, habilidoso, bate bem na bola, mas não estava jogando. Veio e foi o melhor. Ou seja, não quer dizer que o Chinês é fraco, mas se o cara está bem vai jogar aonde for: Brasil, Japão, China, Inglaterra... Se pegar um craque e não estiver confiante, não vai jogar em lugar nenhum. Eu estava confiante e as pessoas começaram a me conhecer como atleta e jogador a partir de 2021, no Brasil. Eu sempre falava que lá fora eu era muito mais respeitado do que no Brasil por tudo o que tinha feito, os anos na Europa, mas chegando aqui tudo aconteceu como tinha que acontecer. E hoje as pessoas já podem falar mal ou bem de mim, mas em cima do que realmente sou. Não tem mais ilusão.

E sobre seleção, qual o sentimento? Se sentem injustiçados de alguma forma?

H: Da minha parte, não. Jamais. Não sofri injustiça. Tenho muita gratidão por todos os treinadores que apostaram em mim, que confiaram e me deram a oportunidade de vestir essa camisa. Disputei competições importantes, ganhei a Copa das Confederações, joguei uma Copa do Mundo, uma Olimpíada acima da idade disputando com jogadores que atuavam no Real Madrid e no Barcelona. Sinal de que estava fazendo um trabalho bem feito. Então, é só gratidão a todos que abriram a porta para que vivesse momentos especiais.

P: Penso que seleção brasileira é consequência do que a gente faz no clube. É claro que meu maior sonho é disputar uma Copa do Mundo, assim como o Hulk disputou no Brasil, mas eu acho que o trabalho é feito no dia a dia no clube. Se eu estiver produzindo e ajudando de alguma forma a minha parte pessoal e o clube, com certeza vou receber minha oportunidade e vou tentar agarrar da melhor forma possível para eu poder continuar sendo convocado e assim poder ir para uma Copa do Mundo e ajudar o Brasil numa conquista. ■

PERFIL

A SORTE DE UM AMOR TRANQUILO

FÃ DE MARADONA, CICLISTA NAS HORAS VAGAS E TÉCNICO DO PRÓPRIO FILHO. O PORTUGUÊS ARTUR JORGE VALORIZA AS CONEXÕES INTERPESSOAIS E VIVE UM RELACIONAMENTO SÉRIO COM O BOTAFOGO. A TORCIDA ALVINEGRA ESPERA QUE DESTA VEZ A PAIXÃO INICIAL RESULTE EM UM CASAMENTO FELIZ – E DURADOURO

Por: Enrico Benevenutti e Klaus Richmond
Design: LE Ratto

VITOR SILVA / BOTAFOGO

Estrategista: no CT do Glorioso, Jorge põe em prática os métodos da famosa escola portuguesa

hábito de quebrar o gelo pré-entrevista desta vez partiu do convidado. "Conheci a PLACAR porque minha mãe era dona de uma tabacaria, que aqui no Brasil seria mais uma papelaria, onde ela também vendia jornais e revistas. Me recordo da PLACAR desde quando era um miúdo, bem pequeno mesmo, em Portugal", relembrou, com simpatia, o mais novo treinador lusitano no futebol brasileiro. Aos 52 anos, Artur Jorge define seu desembarque no Botafogo como "uma decisão tomada plena de ambição" e não esconde sua satisfação pelo bom início de trabalho – que, ele espera, será duradouro.

Até a ligação ousada do dono da SAF do Botafogo, o empresário americano John Textor, que atrapalhou a folga com a esposa em Paris, o nome de Artur jamais havia ecoado no Rio de Janeiro: "A intenção era que pudéssemos fazer uma chamada de vídeo, mas não foi possível, estava desajustado para a situação. Regressei a Portugal e foi então que Textor prontamente decidiu fazer uma viagem-relâmpago para jantar comigo e meu agente", conta. O convencimento do projeto Botafogo vai muito além do campo: "Foi uma conversa em que colocamos à mesa tudo aquilo que somos e conhecemos. Claro, falamos também de futebol. Daquilo que era a vivência de um e do outro, mas essencialmente da nossa visão de desenvolvimento do clube".

Jorge é um homem calmo, de fala mansa e meticulosamente calculada. Com 11 vitórias nos primeiros 17 jogos (75% de aproveitamento dos pontos), resultado que recuperou a autoestima do botafoguense, tão abalada pela derrocada

VITOR SILVA / BOTAFOGO

Nílton Santos em festa de novo: conexão com a torcida alvinegra foi imediata

no último Brasileirão, ele admite satisfação com o trabalho realizado, mas logo trata de conter qualquer tipo de oba-oba. "Temos ambição e determinação para chegar o mais longe possível, mas diria que aquilo que é o nosso grande compromisso é dignificar a camisa do Botafogo em cada jogo."

Após o encontro com Textor, de acordo com o próprio Artur, o interesse foi imediato e naquela mesa de jantar o acordo já estava selado. Ou melhor, encaminhado, pois ele ainda tinha alguns meses de contrato com o Braga. A imprensa portuguesa garante que ele seria desligado de qualquer forma do clube ao final da temporada, mesmo após o título da Taça da Liga, levar o modesto clube à Champions League e bater alguns recordes que pertenciam a Abel Ferreira no campeonato local, durante duas temporadas.

O Sporting Braga foi a casa de Artur Jorge durante quase toda sua vida. Nascido e crescido na cidade de pouco mais de 200 000 habitantes, teve a honra de defender os Arsenalistas como jogador e técnico. Ele é modesto, dentro de sua forma quase camoniana de se expressar. "Eu não preciso – e nem faz parte daquilo que é minha forma de ser – falar sobre o meu passado ou os meus feitos", despista. Contamos nós, ora pois. O 11° jogador que mais vezes defendeu o Braga na história foi um bom zagueiro. Não alcançou a honra de jogar pela seleção nacional, é verdade, mas fez a carreira e se consolidou na elite.

A transição de atleta para técnico durou quatro anos, entre períodos de estudo e cursos de capacitação. "Me custou muito terminar a carreira de futebolista e não estava pensando no que seria dali para a frente. Na verdade, a minha paixão era de fato jogar futebol, poder competir, estar diariamente com os meus colegas. Era a melhor coisa do mundo, então passei quase que por um período de negação", admite. "A paixão de jogar futebol é de miúdo, de quando eu ia ao estádio com 6 anos acompanhado dos meus pais. Hoje o trabalho de técnico é muito mais exigente. E solitário, também. Me faz depender muito mais de mim. Tenho uma paixão tremenda pelo treino, porque me faz ser capaz de liderar grupos de trabalho e me sentir completo."

Nos tempos em que lia PLACAR na banca da mãe e frequentava estádios com o pai, o conterrâneo de Eusébio e Paulo Futre tinha como grande ídolo um sul-americano: o argentino Diego Armando Maradona. "Cheguei a viajar de comboio, muitas vezes dia e noite, para poder ver jogos dele no Napoli. São coisas que fazemos quando adolescentes, outras vezes não tão adolescentes e já mais adultos, mas continuamos a fazer por paixão." Mais velho, Artur adquiriu um novo hábito: a pedalada. "A bicicleta é uma rota de fuga. É um gosto mais recente, que me leva a ter momentos para recuperar a sanidade, estar mais isolado, mais livre e poder encontrar a mim mesmo", conta. "Tenho a companhia da minha mulher, andamos às vezes juntos, mas quase sempre vou sozinho mesmo para ter os meus momentos e encontrar uma paz de espírito necessária para tomar depois as melhores decisões." No Rio, ainda não pôde desfrutar do hobby como gostaria – culpa do insano calendário do nosso futebol, diz ele.

A carreira de técnico começou no Famalicão, time do distrito de Braga que hoje disputa a elite, mas à época estava na terceira divisão nacional. Artur Jorge relembra da experiência com orgulho e uma dose de frustração. "O projeto andou lindamente, mas faltou fechar com chave de ouro", recorda. Na ocasião, o time precisava de apenas uma vitória para subir para a Segundona, mas amargou um empate no último jogo. As experiências práticas são essenciais na vida de qualquer profissional, mas é preciso destacar que Artur é filho da tradicional escola portuguesa. Um projeto encabeçado há quatro décadas por

ARQUIVO PESSOAL

Três versões de Artur Jorge: campeão da taça da Liga de Portugal pelo Braga; nos tempos de zagueiro; e com a família no Nílton Santos

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

Jesualdo Ferreira (ex-Santos) levou o estudo do jogo para as universidades lusitanas. Surgiram novas vertentes, como o da periodização, trabalhada muito por José Mourinho, e cada vez mais os técnicos nascidos no país foram ganhando mercado. O jogo é dividido em quatro aspectos (técnico, tático, físico e mental), e Artur Jorge admite dar atenção especial ao último.

Para ele, o olhar humano e as relações interpessoais são fundamentais. Quando comandava o Limianos, modesto time das divisões inferiores, decidiu adquirir os equipamentos de treino do time. "Sou muito exigente, meticuloso, e o clube não tinha condições de investir no que eu via como necessário. Coloquei do meu próprio bolso para que os jogadores pudessem treinar, mas também comprei agasalhos, por exemplo, para que pudessem suportar o período de frio." Outro episódio marcante ocorreu quando treinava o Tirsense. "Em um Natal, tive a necessidade de levar dois atletas da base para a minha casa, porque não tinham sequer onde ficar. Eram dois jogadores da Guiné, Tomás Dabó e Piqueti", conta. "O Natal é um período de reunião familiar, de estar com aqueles de que gostamos. Eu levei os dois para casa, pois não tinham família em Portugal."

Antes de dar o salto e assumir o profissional do Braga, Artur Jorge trabalhou nas categorias de base da equipe, onde teve a oportunidade única de treinar o próprio filho. "Tivemos que ter a capacidade de separar o papel de pai e filho para que eu nunca invalidasse o sonho dele." O filho carrega o mesmo nome e também seguiu a carreira de zagueiro. Aos 29 anos, atua no Farense, de Portugal, e chegou a vencer o time do pai no único duelo entre eles, no ano passado. Curiosamente, Artur Jorge, o filho, foi dispensado do Braga quando o técnico do time era Abel Ferreira, com quem o pai vai duelar na Libertadores (leia mais no quadro ao lado).

Luís de Camões, poeta-herói da cultura portuguesa, disse certa vez que "as coisas árduas e lustrosas se alcançam com trabalho e com fadiga". E assim é. Não há atalho para o que almeja o Botafogo de John Textor, e Artur Jorge tem ciência disso – afinal, foi o projeto a longo prazo que o convenceu a deixar a Terrinha. O torcedor alvinegro ainda convive com o trauma causado por dois de seus compatriotas (Luís Castro desistiu no meio do Brasileirão rumo ao Al-Nassr, da Arábia Saudita, enquanto seu sucessor, Bruno Lage, não deixou saudades). Ele garante, porém, que o novo casamento será forjado no amor, e não apenas uma paixão momentânea. "Estou comprometido, é o único projeto que tenho em mente", garante. Se depender de Artur Jorge, a Estrela Solitária terá sua companhia por um bom tempo.

VITOR SILVA / BOTAFOGO

"TEMOS AMBIÇÃO PARA CHEGAR LONGE. NOSSO COMPROMISSO É DIGNIFICAR A CAMISA DO BOTAFOGO"

NADA DE CLIMA DE REVANCHE

Desde a última temporada, quando o Botafogo deixou o título brasileiro escapar para o Palmeiras, criou-se uma rivalidade entre a equipe carioca e a paulista. Nos bastidores, John Textor e Leila Pereira trocaram acusações. Quis o sorteio que o Glorioso e o Verdão se enfrentassem nas oitavas da Libertadores. Para Artur Jorge, a animosidade não entra no vestiário

Decepção: derrota de virada, por 4 a 3, selou o fracasso de 2023

VITOR SILVA / BOTAFOGO

Como está se preparando para esse encontro com Abel Ferreira na Libertadores? Sou amigo do Abel, mas obviamente que nessa altura somos também rivais. Vamos ter um desafio de grande exigência e com toda certeza cada um fará o seu melhor. Mas não nos falamos, até porque é muito prematuro falar de uma competição que temos para agosto. Tenho muitos jogos para ganhar até lá.

O título brasileiro da última temporada, o embate entre Leila e Textor, a arbitragem... Como esse ambiente de rivalidade afeta? Não é um assunto que me interessa. Estamos falando de algo que aconteceu no ano passado e eu tenho que reduzir isso, até mesmo por uma questão de ética. O que eu preciso é lutar diariamente para o sucesso do Botafogo, fazer mais, melhor e tentar abstrair isso, blindar meu grupo de trabalho. Pensamos apenas em vencer.

Mas é possível blindar o vestiário diante deste histórico recente? Temos que blindar. Aliás, estou convicto e temos feito esse trabalho também, foco total no desempenho e no treino diário na tentativa de ser melhor que o adversário em cada jogo. Eu percebo toda a discussão em volta do assunto, que há uma vontade de ouvir muita gente, mas nunca vão me ouvir falar sobre o assunto. A minha missão é fazer com que o Botafogo esteja preparado para ganhar jogos. Cada um tem a obrigação de cuidar de seu departamento.

Você vai instruir seus atletas a não falar sobre o assunto? Veja, já não falamos rigorosamente nada sobre isso. Não precisamos instruir ninguém porque os jogadores estão conscientes do que é o papel de cada um, aquilo que nos é exigido cada dia, que é trabalhar com afinco e sem perder o foco ou desperdiçar energia naquilo que não controlamos e tampouco nos compete discutir.

Você se incomoda com os assuntos extracampo? Repare, não é que eu não goste, mas é um assunto que não me diz respeito. A nossa obrigação é o treino, conhecer o adversário, competir. Não estou fugindo da questão, mas para mim é sobre desempenhar a minha função da melhor forma possível. Eu preciso ter serenidade para abstrair tudo aquilo que é acessório.

E como é a sua relação com John Textor? É um cara muito presente, que procura estar inteirado em todo o nosso dia a dia. Existe uma cobrança natural por ser o dono do clube, mas também enquanto torcedor. É uma pessoa que vive muito o Botafogo. Claro que ele tem os posicionamentos dele, mas sem nunca interferir no dia a dia da equipe ou no trabalho que fazemos. ■

A LONGA VOLTA

COMUNICAÇÃO / SCI

RICARDO DUARTE / SCI

A TRAGÉDIA QUE SE ABATEU SOBRE O RIO GRANDE DO SUL ATINGIU EM CHEIO OS DOIS MAIORES CLUBES LOCAIS DE FUTEBOL, NUMA SAGA QUE COMEÇOU COM OS ATLETAS AJUDANDO NOS RESGATES DE PESSOAS ILHADAS E QUE POUCO A POUCO VAI RETOMANDO A NORMALIDADE

Por: Gabriel Grossi / Design: LE Ratto

PARA CASA

LUCAS UEBEL / GRÊMIO

ARENA GRÊMIO

Nunca se viu nada igual no Rio Grande do Sul. A chuva que começou nos últimos dias de abril e continuava castigando diversas regiões em junho arrasou cidades e plantações, deixando perto de 200 mortos e desaparecidos. No início de maio, a destruição chegou a Porto Alegre e atingiu em cheio os dois principais estádios de futebol, a Arena e o Beira-Rio, que ficaram inundados. A água levou dias para baixar, mas, como a bola não pode parar de rolar, Grêmio e Inter passaram a treinar e a mandar seus jogos em outros Estados. O Tricolor viu sua torcida lotar o Couto Pereira, em Curitiba (acima), enquanto o Colorado, depois de reestrear em Barueri, reencontrou a massa no Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul e prometia voltar para casa ainda em julho. Nas próximas páginas, você revê parte dessa saga.

ARQUIVO PESSOAL / INSTAGRAM

INÍCIO DE MAIO

Assim que as águas invadiram a região metropolitana de Porto Alegre, moradores que estavam em locais mais altos e seguros envolveram-se no resgate daqueles que tiveram suas casas atingidas pela enchente. Nas fotos, é possível ver os jogadores Diego Costa (de boné), Thiago Maia e Caíque (de colete) em botes, barcos e nos próprios carros participando das operações em áreas alagadas. Já o meia Maurício pôs uma touca na cabeça e foi ajudar a preparar e distribuir comida para os desabrigados, numa cozinha solidária montada na zona sul da capital.

11 DE MAIO

Com parte do Rio Grande do Sul submersa, a CBF decidiu adiar as partidas dos clubes gaúchos (tanto na Copa do Brasil quanto nas Séries A, C e D, além da Libertadores e da Sul-Americana). Neste domingo, o Atlético-MG receberia o Grêmio pelo Brasileirão e decidiu fazer um treino com torcida na Arena MRV. Distribuiu faixas nas cores da bandeira do Rio Grande (verde, vermelho e amarelo), tocou o hino do estado nos alto-falantes e destinou o dinheiro arrecadado com os ingressos para as vítimas da tragédia.

PEDRO SOUZA / CAM

21 DE MAIO

Dirigentes de Inter e de Grêmio, numa ação conjunta, uniram-se a diversas empresas locais para lançar o Jogando Junto, plataforma de iniciativas solidárias em prol da população mais necessitada. O mapa do estado, parcialmente azul, parcialmente vermelho e predominantemente roxo (a soma das cores das duas maiores torcidas do Sul do país), passou a ser o símbolo da campanha. Os clubes já haviam aberto parte de suas instalações (como o antigo Estádio Olímpico) para receber doações e acolher famílias desabrigadas.

LUCAS UEBEL

CELSO PUPO

26 DE MAIO

O Jogo do Futebol Solidário, organizado pela prefeitura do Rio, a Rede Globo e o Flamengo, reuniu ex-atletas e artistas no Maracanã. Mais de 32 000 ingressos foram vendidos e a CBF contribuiu com mais 10 000 bilhetes. Ronaldinho Gaúcho liderou a festa em campo e fez dois gols. Ludmilla, Adriano Imperador e Diego Ribas também marcaram para o Time União, enquanto Nenê, D'Alessandro, Cafu, MC Poze e Amaral empataram para o Time Esperança. Mano Menezes e Dorival Júnior, técnico da seleção, comandaram as equipes.

SOLIDARIEDADE

29 DE MAIO

O primeiro time gaúcho a voltar a campo foi o Inter. Em partida válida pela Copa Sul-Americana, o Colorado entrou em campo na Arena Barueri, na Grande São Paulo, com as camisas "sujas" de lama. Duas semanas depois, os uniformes usados no jogo foram vendidos num leilão beneficente. No total, foram arrecadados mais de 254 000 reais com os mantos com as "marcas da enchente". O lance mais alto foi dado pela camiseta de Rafael Borré, negociado por 18 873 reais. Todo o dinheiro foi destinado a ações de apoio às vítimas.

RICARDO DUARTE / SCI

RICARDO DUARTE / SCI

5 DE JUNHO

Mais de um mês após o início da enchente, o Beira-Rio voltou a iluminar seus anéis externos. Como não poderia deixar de ser, a reestreia foi feita com as três cores da bandeira, em homenagem ao povo "forte, aguerrido e bravo" (como diz o hino estadual). Na mesma semana, o Inter lotou o Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul, pela Sul-Americana. E um mês depois, em 7 de julho, a torcida colorada se reencontrou com o time em sua casa, em partida contra o Vasco válida pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro.

COMUNICAÇÃO SCI

ARENA GRÊMIO

15 DE JUNHO

Na Arena do Grêmio, tratores e máquinas seguiam com o trabalho (iniciado quatro dias antes) para remover e posteriormente replantar todo o gramado, que ficou 20 dias totalmente submerso. O último jogo foi realizado em 20 de abril e ainda não há uma data exata para a bola voltar a rolar, mas o clube e a empresa que administra o estádio esperam ver as arquibancadas trepidando em azul, preto e branco em agosto ou setembro. A volta para casa pode ser longa, mas a esperança segue mobilizando todos os gaúchos, na capital e no interior. ■

FUTEBOL Z

@PEPERTUSI

DIVULGAÇÃO KINGS WORLD CUP

Time do streamer Gaules (esq.), G3X, foi vice-campeão da Kings League

TORCEDORES NASCIDOS DEPOIS DOS ANOS 2000 AINDA GOSTAM DO JOGO DE 11 CONTRA 11, MAS SE ENGAJAM CADA VEZ MAIS EM MODALIDADES ADAPTADAS À ERA DO 'TUDO AO MESMO TEMPO AGORA' – SEJA NA QUADRA, SEJA NA GRAMA ARTIFICIAL OU NA AREIA

Por: André Avelar e Guilherme Azevedo
Design: LE Ratto

É divertido imaginar como Charles Miller reagiria se embarcasse em uma viagem no tempo de 130 anos, partindo de 1894, ano em que veio da Inglaterra para o Brasil com um livro de regras e algumas bolas no bagageiro do navio, até os dias atuais. Será que o "pai do futebol" em nosso país ficaria revoltado com os rumos que o jogo tomou? Ou enrolaria os fios do bigode orgulhoso em ver que o esporte se perpetuou e segue nos pés e na boca do povo, das mais variadas formas? Por mais que os puristas torçam o nariz, é fato que nunca se consumiu tanto o "football" como hoje. As diversas modalidades que atraem a chamada Geração Z contemplam variações de um passatempo ainda muito apaixonante, mas que, sobretudo para os que nasceram depois dos anos 2000, talvez tenha ficado longo e previsível demais.

Os 90 minutos (mais acréscimos), a baliza de 2,44 por 7,32 metros e o imenso gramado verde já não são mais obrigatórios para os torcedores. Da necessidade de ver "tudo ao mesmo tempo agora" nasceram as partidas mais dinâmicas e com um quê de aleatoriedade no ar. O Futebol Z abarca os modernos campeonatos de futebol 7, futmesa, X1 e X2, além de impulsionar velhos conhecidos como o futevôlei. A paixão pelo time de coração ainda existe e é um compromisso religioso a cada quarta e domingo. Nesse meio-tempo, vale um pouco mais de graça, com jogos entre o dinâmico e o surpreendente.

PLACAR acompanhou de perto, a convite da organização, a primeira edição da Copa do Mundo da Kings League. Na Cidade do México, 32 equipes se reuniram para disputar partidas de futebol society com sete jogadores de cada lado e premiação de 1 milhão de dólares (mais de 5,3

EFE

Futevôlei, X1 e futmesa são esportes que envolvem o velho "football" e mais fazem sucesso entre a turma mais nova

DIVULGAÇÃO X1

EFE

A KINGS LEAGUE EM NÚMEROS

51237
PESSOAS ESTIVERAM NO ESTÁDIO DO MONTERREY PARA ACOMPANHAR O FINAL FOUR

US$ 1 MILHÃO
FOI A PREMIAÇÃO PARA O PORCINOS, TIME CAMPEÃO DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 7

36,9 MILHÕES
DE VISUALIZAÇÕES ALCANÇARAM OS CANAIS DA KINGS LEAGUE

83 MILHÕES
DE PESSOAS FOI A AUDIÊNCIA TOTAL DO CAMPEONATO AO REDOR DO MUNDO

DIVULGAÇÃO KINGS WORLD CUP

Kelvin Oliveira, o K9, foi o melhor jogador do torneio, e recebeu US$ 50 000 de premiação

milhões de reais) para o campeão. Até aí, nenhuma grande novidade, mas o evento idealizado pelo ex-jogador espanhol Gerard Piqué (leia mais na pág. 41) tem regras que fazem um gol valer a pontuação dobrada, uma carta secreta capaz de expulsar um jogador por determinado período e um dado que pode propor duelos individuais no meio da partida. Isso sem falar na materialização do ditado de que "pênalti é tão importante que deveria ser batido pelo presidente do clube". Na Kings League, são os ex-jogadores renomados e influenciadores da internet, os consagrados streamers, que cobram as penalidades. No evento majoritariamente voltado para a geração que nasceu com a rede mundial de computadores em casa, a inovação é regra número 1.

"A melhor carta secreta acho que é o coringa, porque você pode escolher qualquer uma. Aí você tem a possibilidade do pênalti, a suspensão de quatro minutos para a equipe rival, o gol dobrado, o *shootout*... Acho que tem uma boa variedade, e essas *secret cards* são elementos que se parecem mais com o videogame do que com a vida real, o que faz com que as pessoas gostem delas", afirmou Piqué à PLACAR durante o evento.

Entre as estrelas da festa, estavam presentes o belga Eden Hazard, o italiano Francesco Totti, o mexicano Chicharito Hernández, o argentino Kun Agüero e o brasileiro Falcão, o rei do futsal. Neymar e o sueco Zlatan Ibrahimovic, também envolvidos no projeto, não puderam comparecer. O curioso foi notar que, entre os jovens, esses jogadores não eram necessariamente mais tietados do que Céline Dept, Leb1ga, Rivers ou Ibai Llanos, que juntos somam 19

PARECE, MAS NÃO É

NOVAS MODALIDADES UTILIZAM O FUTEBOL COMO BASE E PROPÕEM ALTERNATIVAS PARA ENTREGAR MAIOR ENTRETENIMENTO E ATINGIR A CHAMADA GERAÇÃO Z

FUTEBOL 7

O futebol 7 é disputado em gramado sintético, também chamado de society. Tradicionalmente com seis jogadores na linha e um no gol, em dois tempos de 20 minutos, a modalidade ganhou relevância em campeonatos como a Kings League e o TST (The Soccer Tournament). Com ex-jogadores e streamers em campo, os dois têm o entretenimento como ponto-chave. A principal diferença de um para o outro está na quantidade de regras que dão certo tom de videogamização do futebol tradicional. G3X, Furia FC e Desimpedidos EC são alguns dos principais times do Brasil.

X1 e X2

Disputado em quadras society e de salão, em dois tempos de 15 minutos, o X1 (lê-se "xis um") e o X2 são disputados por um ou dois jogadores de linha mais um goleiro. Em caso de empate, há shootout (espécie de pênalti com a bola em movimento). Nascido nas periferias, vingou inicialmente no Norte e no Nordeste e, com forte aporte financeiro de casas de apostas, vem ganhando o Brasil. A arte do drible é levada ao extremo, privilegiando disputas individuais e finalizações. Jogadores de várzea recebem oportunidades – Bolt, Vassoura e Coringa são nomes conhecidos.

FUTMESA

O pingue-pongue está para o tênis tal qual o futmesa, para o futebol. A equação é mais simples (e plástica) quando jogadores, sozinhos ou em duplas, passam a bola para o outro lado com qualquer parte do corpo exceto mãos e braços. Jogado em uma mesa côncava, com uma divisória de acrílico, virou xodó de craques como Neymar e Ronaldinho Gaúcho. Não demorou para ganhar federação internacional e adotar o nome "teqbol". As partidas são jogadas em melhor de cinco sets de 15 pontos. Natalia Guitler, Raffaella Fontes e Leonardo Lindoso são referências.

FUTEVÔLEI

O futevôlei foi praticamente redescoberto. Nascido nas praias cariocas na década de 1960, parecia nichado até se expandir nacionalmente. O nome entrega a combinação futebol e vôlei, mas na areia. A quadra tem 18 x 9 metros, com a altura da rede variando de 2,10 a 2,20 metros. Cada dupla ou quarteto pode dar até três toques e passar a bola para o lado adversário sem o uso das mãos. O jogo é disputado em três ou cinco sets de 18 pontos. Jogadores de futebol há muito praticam o esporte. Hoje, não raro, nomes do teqbol aparecem em torneios de futevôlei e vice-versa.

DIVULGAÇÃO

O Brasil, de Bebeto, foi desafiado pela Argentina, de Maradona, no campo Society após o tetracampeonato em 1994

milhões de seguidores no Instagram. Entre os brasileiros, Allan Rodrigues, o Estagiário (370 000 seguidores na Twitch), comanda a Furia ao lado de Falcão; e Alexandre Borba Chiqueta, o Gaules (4,2 milhões), a G3X. "A Kings League tem tudo para atrair o público que não quer mais um jogo de uma hora e meia ou duas horas, quase sempre meio parado. Isso pode ajudar as pessoas a gostarem até mesmo do futebol no futuro", afirma o Estagiário.

Dentro de campo, a G3X passou por todos os seus adversários, entre eles a Furia, para chegar à final contra os espanhóis da Porcinos, que levaram a melhor (5 a 3) diante de mais de 50 000 pessoas que encheram as arquibancadas do estádio Gigante de Aço, casa do Monterrey, um dos principais times "tradicionais" da liga mexicana. Com semifinal e final no mesmo dia, os brasileiros reclamaram que tiveram menos tempo de descanso em relação aos rivais. O brasileiro Kelvin Oliveira, o K9, com passagem pelas categorias de base do Cruzeiro, foi eleito o melhor jogador e terminou como artilheiro do torneio, com 13 gols. "O futebol 7 no Brasil tem um histórico, tem chamariz, mas a Kings League trouxe uma visibilidade ainda maior. Furou uma bolha gigantesca e chegou a muita gente que

OS CRAQUES COM A PALAVRA

TORIN ZANETTE / DIVULGAÇÃO

GAULES, STREAMER E PRESIDENTE DA G3X

"Levar dinamismo para quem está assistindo é algo desejado para o futebol. A Kings League conseguiu trazer um bom conteúdo, uma boa rivalidade e que resultou em um produto legal"

DIVULGAÇÃO KINGS WORLD CUP

O ESTAGIÁRIO, STREAMER E PRESIDENTE DA FURIA FC

"Não dá para falar que o futebol tem que aprender com o fut 7, mas acredito que esse seja um novo modelo de consumir o esporte. Amo futebol, mas aqui é apresentado um outro conceito"

DIVULGAÇÃO KINGS WORLD CUP

FALCÃO, JOGADOR CONVIDADO E PRESIDENTE DA FURIA FC

"As pessoas por trás dessas iniciativas trazem grandiosidade ao evento. Acredito que esse novo desenho vai chamar muita atenção dos patrocinadores e crescer ainda mais. Uma nova era vem aí"

DIVULGAÇÃO

BOOLT, MULTICAMPEÃO DE X1

"O X1 está vindo para mudar mesmo o cenário do futebol. Não consegui ter uma oportunidade de jogar profissionalmente e hoje já estou com 30 anos. Prefiro assistir X1 porque é mais emocionante"

DIVULGAÇÃO

NATALIA GUITLER, CAMPEÃ MUNDIAL DE FUTEVÔLEI E TEQBOL

"Hoje, praticamente todos os estados têm arenas e atletas de futevôlei. Já o futmesa ainda está em crescimento. A minha expectativa é que ambos possam crescer e quem sabe até virarem olímpicos"

FALEM BEM OU FALEM MAL...

Gerard Piqué foi campeão da Copa do Mundo, da Champions League, da Premier League, de La Liga, do Mundial de Clubes e por aí vai. Aposentado do futebol desde 2022, o espanhol ex-Manchester United e Barcelona decidiu investir na Kings League ao lado do amigo e também ex-jogador Miguel Layún. Os dois são os "reis" do maior torneio de futebol 7, ao ponto de criarem a própria Copa do Mundo. A justificativa para a empreitada de Piqué, 37 anos, bem que poderia ser dinheiro, mas só seria um pouco mais para alguém que fez fortuna em diversos ramos. O espanhol quer mesmo aproveitar a "resenha", palavra em português que conhece da amizade com Neymar nos tempos de Barça, para se divertir com amigos e propor um novo jeito de consumir futebol.

"Acredito que, quando se tem um esporte tradicional e você muda o formato, há muitos conservadores que querem ficar com o que sempre viveram e não gostam das mudanças. Mas o mais importante no final é que se fale, que haja debate e pessoas que gostem e outras que não gostem", afirma.

Aliado aos momentos alegres com outras lendas do futebol e youtubers famosos, o ex-zagueiro assiste às partidas de uma sala com ar-condicionado no escaldante verão do Hemisfério Norte, como se estivesse mesmo em um trono. De cabeça fresca, mostra-se acessível em sessões de fotos com os fãs e mostra que as preocupações com críticas e resultados ficaram no passado de atleta.

Gerard Piqué, ex-Barcelona e seleção espanhola, é o idealizador do torneio que reúne futebol e elementos do videogame

DIVULGAÇÃO KINGS LEAGUE

ainda não conhecia", diz o canhoto de 28 anos, que faturou 50 000 dólares ao ser eleito o craque da competição. K9 atuou em 2023 na Série C do Brasileirão pelo São José, mas diz que não pretende mais voltar ao campo. "Só se for algo muito irrecusável."

Outras novidades que mobilizam os jovens são o X1 e o X2. O jogo se propõe a explorar o que há de melhor na essência do futebol brasileiro: o drible. Em confronto contra um ou no máximo dois adversários, jogadores habilidosos cantarolam imageticamente a música "Lá Vai Pitomba", de Luiz Gonzaga. "De pé em pé, a bola no gramado, vai de lado a lado e lá vai pitomba", sempre com dribles rápidos e um chute forte para o gol (leia mais no quadro abaixo). A associação também está no jogo de "travinha", praticado à beira do mar, ao longo dos 7 600 km de extensão do litoral brasileiro.

Essa não é a primeira vez que alguém tenta promover jogos de futebol com ex-jogadores ou artistas. Do Showbol de Masters (que surgiu na década de 1970) até iniciativas como o RockGol da MTV (1999 a 2001) e a Supercopa Desimpedidos (desde 2017, com bandas e influenciadores), passando pelo Desafio Brasil x Argentina de 1994 (com direito a Bebeto *versus* Maradona), foram várias as formas de emulação do esporte-rei. Agora, no entanto, há regras próprias e, graças à tecnologia, as novas modalidades crescem cada vez mais em audiência – só a multiplataforma da Kings League tem 36,9 milhões de visualizações nos canais da rede NWB, sempre com direito a muita pirotecnia.

"A receptividade está sendo muito positiva. Vemos isso em números absolutos de audiência conectada, de engajamento e recursos de cada plataforma. Ficou claro que há um trabalho ainda a ser feito e temos campo para nos aprofundarmos mais", acredita Antônio Abibe, CEO da rede que detém os canais Camisa 21 e Desimpedidos. Os projetos ainda embrionários visam ter no futuro uma consolidação parecida com as do futsal e do futebol areia, que cresceram nos últimos anos, sob o guarda-chuva da Fifa e das respectivas confederações nacionais. ■

VEJA MAIS

Toda a cobertura da Kings World Cup e também a entrevista completa com Gerard Piqué estão disponíveis em nosso site. Confira em: www.placar.com.br e www.youtube.com/@placartv

MULHERES EXPERIMENTAM MOMENTO INÉDITO COM ANÚNCIO DA COPA DO MUNDO DE 2027 NO PAÍS, CAMPEONATO BRASILEIRO CADA VEZ MAIS VALORIZADO E HEGEMONIA NO CONTINENTE. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO PODEM AJUDAR SELEÇÃO BRASILEIRA A CONQUISTAR TÍTULO IMPORTANTE

Por: André Avelar e Pedro Cohem
Design: LE Ratto

A HORA É AGORA

América do Sul receberá sua primeira edição do Mundial feminino

THAIS MAGALHÃES / CBF

Em 2027, o Brasil vai novamente cantar com o Olodum, pintar as ruas de verde e amarelo e torcer para a seleção em plena segunda-feira no meio do expediente. Dez anos depois de sediar a Copa masculina, o país foi escolhido pela Fifa para receber (daqui a três anos) a versão feminina do Mundial. As estruturas prontas para a competição, o Campeonato Brasileiro cada vez mais valorizado e a hegemonia dos times daqui no continente fazem o torcedor acreditar que a hora da virada chegou.

A seleção brasileira feminina surgiu oficialmente só em 1988, com as representantes no Torneio Experimental da Fifa, e já foi considerada uma das melhores do mundo — o futebol para mulheres no país apareceu inicialmente nos anos 1920 e esteve proibido por quase quatro décadas, entre 1941 e 1979. Os bons resultados vieram na virada do século, com o vice-campeonato mundial (2007) e as duas medalhas olímpicas de prata (2004 e 2008). Hoje, nosso escrete está na nona colocação do ranking global.

O passar dos anos não alertou para a necessidade de arrumar a casa, estruturar os clubes e os campeonatos e assim ver surgir naturalmente novos talentos. As rivais, sobretudo as dominantes norte-americanas (donas de quatro títulos mundiais) e as espanholas (campeãs pela primeira vez no ano passado), melhoraram em todos esses quesitos. Por mais que o "gigante tenha acordado tarde", outra referência à Copa 2014, o caminho para as conquistas não é dos mais fáceis (mais na página 45).

A CBF não nega o interesse em fortalecer o futebol feminino, como merecimento, capacidade e, claro, negócio. Além da qualidade para o surgimento de melhores jogadoras, também existe a ideia de integrar toda uma cadeia que trabalha

Comissão brasileira, com Ednaldo Rodrigues, da CBF, despachou candidatura tríplice de Alemanha, Bélgica e Holanda; Gianni Infantino, da Fifa, anunciou o país-sede

O FUTEBOL BRASILEIRO EM CINCO ATOS

SE A SELEÇÃO VEM DE RESULTADOS INSATISFATÓRIOS NAS ÚLTIMAS GRANDES COMPETIÇÕES, OS CLUBES FAZEM CAMINHO CONTRÁRIO E GANHAM IMPORTÂNCIA COM CAMPEONATO FORTE E DOMINÂNCIA NO CONTINENTE

OLIMPÍADA 2020

Vinda da quarta colocação na Rio-2016, a seleção esperava enfim voltar ao pódio em Tóquio-2020. O desfecho não foi o esperado, com a equipe eliminada outra vez para o Canadá, desta vez nos pênaltis (0 a 0 no tempo normal). No torneio, havia vencido China e Zâmbia (5 a 0 e 1 a 0) e empatado com a Holanda (3 a 3).

COPA DO MUNDO 2023

O Brasil foi eliminado ainda na fase de grupos, após vitória sobre o Panamá (4 a 0), derrota para a França (2 a 1) e um doloroso empate com a Jamaica (0 a 0). A péssima exibição da equipe culminou na demissão da técnica Pia Sundhage. Vencedora por outras seleções, a sueca ficou quatro anos à frente do time verde-amarelo.

EFE

EFE

"OS CLUBES ESTÃO ENTENDENDO QUE NÃO É UMA OBRIGAÇÃO, MAS UMA REALIDADE"
Byanca Brasil, atacante do Cruzeiro

fora das quatro linhas. A formação de dirigentes, treinadoras e também árbitras estão nos planos da atual gestão. A intenção é dar um salto de qualidade no futebol feminino como um todo até a chegada da Copa 2027.

Os estádios usados para 2027 serão dez, todos já testados e aprovados em 2014: Maracanã (Rio), Mineirão (Belo Horizonte), Mané Garrincha (Brasília), Arena Pantanal (Cuiabá), Castelão (Fortaleza), Arena da Amazônia (Manaus), Beira-Rio (Porto Alegre), Arena Pernambuco (Recife), Arena Fonte Nova (Salvador) e Arena Corinthians (São Paulo). Só a Arena da Baixada (Curitiba) e a Arena das Dunas (Natal) ficaram de fora.

A previsão é de que quase todos passem por uma redução da capacidade a fim de evitar o que aconteceu na edição dividida entre Austrália e Nova Zelândia, no ano passado. Jogos desinteressantes para o público local, além da dificuldade de viajar

LIBERTADORES 2023
A última edição da competição continental marcou o quinto título consecutivo de um time brasileiro. Corinthians e Palmeiras fizeram a final, com vitória das alvinegras (1 a 0). Como se não bastasse tamanho domínio, o Internacional ainda ficou com a quarta colocação. O torneio deste ano será disputado em outubro.

COPA OURO 2024
Apesar de ser um campeonato da Concacaf (América Central e do Norte), o Brasil se classificou por ter vencido a Copa América em 2022. Já com Arthur Elias no comando, as brasileiras fizeram boa campanha e chegaram à final, mas perderam para a seleção dos Estados Unidos (1 a 0), dona da casa.

BRASILEIRÃO 2024
A atual edição terá a maior premiação da história. Somados todos os valores, o time campeão pode chegar a uma premiação que beira os R$ 2,5 milhões — no masculino, esse valor deve girar em torno de R$ 47,5 milhões. O torneio, disputado em formato de fase de grupos e mata-mata, começará em agosto.

FUTEBOL FEMININO

CBF

SURGE UMA HERDEIRA

THAIS MAGALHÃES / CBF

Giovanna Waksman, 15, que tem Marta como espelho, lidera uma geração privilegiada por poder jogar uma Copa do Mundo em casa

De uma hora para a outra, a criança cresceu. Conhecida do mundo futebol feminino desde pequena, Giovanna Waksman, hoje com 15 anos, evolui a cada convocação para a seleção sub-17 e surge naturalmente como uma das grandes promessas para a Copa do Mundo que será disputada em casa.

A gloriosa joia do futebol brasileiro começou com 11 anos no Botafogo, em meio a garotos mais velhos. Quando tinha 13, estampou sua primeira entrevista à PLACAR. Na época, a redação fez um apelo ao novo dono da SAF alvinegra, John Textor: fique de olho na pequena camisa 10. O empresário americano seguiu a dica e mandou a jovem para os Estados Unidos, para estudar e jogar pelo FC Florida.

Giovanna se desenvolveu e terminou a temporada americana de 2023/2024 com impressionantes 101 gols e 45 assistências em 56 jogos. Na campanha que culminou no título Sul-Americano para o Brasil, recebeu o troféu de artilheira (cinco gols em sete partidas) e de melhor jogadora.

Apontada como sucessora natural de Marta, Giovanna já visitou a Rainha, que joga no Orlando Pride. Ainda adolescente, revelou que seus sonhos eram vestir a amarelinha e se tornar a melhor jogadora do planeta – ou seja, repetir a trajetória da antecessora. Na Copa de 2027, Giovanna terá 18 anos, um a mais do que Marta tinha em sua estreia em Mundiais, em 2003. Em suas redes sociais, em meio a imagens de seus gols, ela deixa uma mensagem que traduz o momento da modalidade. "Quando finalizar uma etapa, não olhe para ela como a linha de chegada. Olhe como o ponto de partida para a sua próxima conquista."

GERAÇÃO DE PRATA FICOU NO PASSADO

SELEÇÃO BRASILEIRA COMPLETA 16 ANOS DESDE ÚLTIMO PÓDIO OLÍMPICO; PARIS-2024 MARCARÁ DESPEDIDA DE MARTA DE UMA GRANDE COMPETIÇÃO COM A AMARELINHA

O Brasil sentiu a eliminação para lá de precoce ainda na primeira fase da Copa do Mundo do ano passado. De treinador novo, e faca nos dentes desde então, o time acumula resultados satisfatórios e chega com o sonho de enfim quebrar o jejum de 16 anos sem um pódio olímpico.

A seleção alcançou dois honrosos (e dolorosos) vices, em Atenas-2004 e Pequim-2008. Em Tóquio-2020, o time de Pia Sundhage foi eliminado pelo Canadá, nas quartas. Para Paris-2024, a expectativa passa pela reformulação proposta pelo técnico Arthur Elias e pelo melhor aproveitamento de Marta. Seis vezes melhor do mundo e, até então, sempre protagonista, ela agora quer "viver cada momento da seleção", aos 38 anos.

Desfalcada da goleira Lelê e de Bia Zaneratto, lesionadas, o time tem a missão de não se abalar. A atacante Jheniffer, 22, foi quem mais aproveitou os últimos amistosos (marcou dois gols contra a Jamaica). "O Brasil é e sempre será protagonista. A nossa camisa é reverenciada e respeitada e mostramos que podemos acreditar."

Marta admite que essa pode ser a sua temporada de despedida. Sua grande parceira Cristiane, de 39 anos, já não tem mais vaga garantida no grupo. Mesmo assim, ela ainda é a artilheira da história dos Jogos Olímpicos, com 14 gols, um a mais que Marta.

Na era Arthur Elias, foram 15 jogos, com dez vitórias, dois empates e três derrotas. Em competições internacionais, o Brasil foi vice-campeão da Copa Ouro, perdendo para os EUA na final, e ficou com o terceiro lugar da Copa SheBelieves.

A seleção está no grupo C dos Jogos Olímpicos e enfrentará Nigéria, Japão e Espanha. A estreia será em Bordeaux, no dia 25 de julho, um dia antes da cerimônia de abertura, em Paris.

Atacante Jheniffer, 22, aproveitou as chances que teve e marcou dois gols no último amistoso

LÍVIA VILLAS BOAS / CBF

até a Oceania, esvaziaram as arquibancadas na primeira fase. Por isso, a opção brasileira, frente a Alemanha, Bélgica e Holanda, foi considerada "corajosa" pela executiva da candidatura, Manu Biz. "Queríamos que as mulheres não ocupassem apenas estádios já prontos, mas oferecer os melhores palcos para elas jogarem futebol. A ideia de sediar uma Copa do Mundo não vem do nada. Não está perdida no tempo e no espaço. Ela é resultado das mulheres que vieram antes da gente. A Copa do Mundo é um catalisador desse processo de evolução do futebol feminino."

Feliz com a terceira Copa no Brasil (1950, 2014 e 2027), o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, prometeu o maior Brasileirão da história para esta edição. A entidade vai destinar R$ 25 milhões para a competição, premiação de R$ 1,5 milhão para o time campeão, cotas de TV de R$ 300 000 para os 16 clubes participantes da primeira fase e uso do VAR a partir das quartas de final. Os números ainda estão longe da realidade do masculino, apesar de isso ser entendido como um começo. Entre os homens, o time campeão em 2024 receberá perto de R$ 45 milhões.

Atacante do Cruzeiro, Byanca Brasil, uma das vice-artilheiras do último Brasileirão com 11 gols, três a menos que Amanda Gutierres, do Palmeiras, celebra o atual momento do futebol feminino em relação ao seu início de carreira. "Quando comecei, não sabia nem que existia futebol feminino. Não tinha perspectiva. Tanto que vi a Cristiane e a Marta pela primeira vez, que eram as protagonistas da seleção nas Olimpíadas, e comecei a acreditar que era possível. Agora tem mais investimento e os clubes estão entendendo que não é uma obrigação, mas uma realidade."

Se o palco está montado, os estádios, prontos, os times nacionais e a seleção, estruturados, a festa só não pode terminar com um novo 7 a 1. ■

MERCADO

A ELITIZAÇÃO

UEFA

É REAL

CLUBE MERENGUE ALCANÇOU HEGEMONIA VISTA APENAS NOS TEMPOS DE DI STÉFANO – E AGORA TERÁ O REFORÇO DE MBAPPÉ E ENDRICK NA BUSCA PELA 16ª CHAMPIONS. NA BADALADA PREMIER LEAGUE, DEU CITY DE NOVO. A NOVA ECONOMIA DO FUTEBOL TORNOU O GRUPO DE GIGANTES AINDA MAIS RESTRITO

Por: Enrico Benevenutti e Luiz Felipe Castro
Design: LE Ratto

Os jogadores do Real Madrid mal haviam curado a ressaca das comemorações do 15º título da Liga dos Campeões, conquistado em um triunfo por 2 a 0 sobre o Borussia Dortmund, em Londres, quando o gigante espanhol anunciou em suas redes sociais o que já se especulava havia meses – ou melhor, anos. O craque francês Kylian Mbappé, enfim, reforçará o ataque merengue, que já conta com estrelas do calibre de Vinicius Junior, Rodrygo e Jude Bellingham. Nem mesmo o mal-estar causado por Mbappé na capital espanhola há duas temporadas, quando foi convencido de última hora a renovar com o PSG, impediu que o negócio se concretizasse – e da melhor maneira possível para o Real, já que o novo camisa 9 chega como agente livre (de graça) e no auge da forma, aos 25 anos.

Soaria lógico que o Real Madrid não visse necessidade de contratar mais um atacante – o prodígio brasileiro Endrick também desembarca em agosto – e, sobretudo, que os concorrentes não medissem esforços para ter Mbappé. No entanto, nem mesmo o clube pelo qual o francês diz ter torcido na infância, o heptacampeão europeu Milan, se atreveu a fazer uma proposta, mesmo sabendo que ele estava sem contrato. O único rival capaz de seduzi-lo, fosse pelo potencial financeiro, fosse pelo esportivo, seria o tetracampeão inglês Manchester City, mas o técnico Pep Guardiola cortou o burburinho pela raiz. "Vocês sabem bem para onde ele quer ir", ironizou o catalão, ainda em 2023. Se até pouco tempo atrás os melhores jogadores do mundo estavam mais bem distribuídos entre os times do Velho Continente, atualmente a primeiríssima prateleira é cada vez mais seleta.

O Real Madrid venceu seis das últimas dez edições de Liga dos Campeões, uma hegemonia só antes vista nos anos 1960, com o próprio esquadrão *blanco* – Luka Modric, Carvajal, Nacho e Toni Kroos igualaram este ano o recorde de seis títulos estabelecido por Paco Gento em 1966. Além disso, o clube fundado em 1902 retomou a liderança do ranking Deloitte Football Money League (*ver evolução por décadas no quadro na pág. 49*), ultrapassando o City, com uma receita anual de 831,4 milhões de euros (mais

Soberanos: Real ergueu mais uma 'orelhuda', enquanto o City foi tetra inglês

PREMIER LEAGUE

de 4 bilhões de reais). De quebra, inaugurou o novo Santiago Bernabéu, a arena multiuso mais espetacular do planeta. "O Real Madrid é uma marca histórica e global, com uma visão corporativa. É tão bem administrado que chegou a passar alguns anos praticamente sem contratações. Foi o único a se manter muito estável até mesmo em meio à pandemia", explica Cesar Grafietti, economista e sócio da consultoria Convocados.

Ainda que Cristiano Ronaldo tenha sido o maior protagonista em campo dessa nova hegemonia, com quatro títulos europeus entre 2014 e 2018, há um personagem ainda mais presente nessa história. Florentino Pérez, dono do Grupo ACS, a maior construtora da Espanha, está longe de ser uma figura simpática, mas é indiscutivelmente um vitorioso. Então um milionário anônimo, ele concorreu à presidência do Real Madrid pela primeira vez em 2000, prometendo tirar o craque Luís Figo do rival Barcelona, caso fosse eleito. Cumpriu o combinado e seguiu assinando com os maiores ídolos da época, como Zidane, Ronaldo e Beckham, entre outros. O legado dos "Galáticos" é evidente. "Com a Lei Bosman, Florentino viu a chance de criar essa aura de time dos sonhos. Por mais que esportivamente a era galática tenha sido um fracasso, o Real voltou a ser o time em que todos querem jogar", destaca Grafietti, citando a lei aprovada em 1995, fruto de uma ação movida pelo belga Jean-Marc Bosman, que permitiu que atletas deixassem suas agremiações ao fim dos contratos – mudando para sempre os rumos do futebol.

Aos 77 anos, 19 deles dedicados à presidência do Real em diferentes mandatos, Pérez vem adotando uma estratégia de mercado diferente (e mais efetiva) daquela que o alçou à fama. A compra de craques consolidados como Mbappé se tornou pontual, enquanto a regra é desenvolver em casa jovens talentos de diversas partes do planeta. Foi assim com o uruguaio Valverde, o francês Camavinga, o brasileiro Vini Jr. e tantos outros. O turco Arda Guler e Endrick são as próximas apostas. Com fama de vaidoso e até um tanto cruel, Florentino não fez nenhuma cerimônia para encerrar ciclos de craques consagrados, como Casillas, Sergio Ramos, Marcelo, Karim Benzema e até Cristiano Ronaldo – na contramão do que fez o rival Barcelona (*veja no quadro da pág. 50 alguns dos motivos da ruína dos catalães*).

Trocando em miúdos, o maior clube do mundo replicou um método consagrado por times pequenos e médios (o de recrutar e desenvolver talentos mundo afora), tendo a seu favor um poderio financeiro e apelo midiático muito superiores. Se antes os garotos sul-americanos costumavam passar por clubes de Holanda, França ou Portugal para depois dar o salto, hoje o primeiro chamado europeu tende a vir diretamente dos times mais ricos. Endrick e Estevão, as duas novas joias do Palmeiras, e o argentino Claudio Echeverri, do River Plate, por exemplo, já estão vendidos a Real, Chelsea e City, respectivamente. A concorrência desleal torna cada vez menos provável a ocorrência de zebras no futebol europeu, como a de 20 anos atrás. Em 2004, Monaco e Porto desbancaram favoritos e chegaram à decisão da Champions League – a taça ficou com a equipe lusitana, de Deco, Carlos Alberto e José Mourinho. Foi a última vez que uma final não

FIFA

BPA

PSG

Opostos: o sucesso de Florentino e CR7, e o fracasso da Superliga e do projeto do PSG

teve um representante de Espanha, Inglaterra ou Alemanha (*confira na pág. 51 o desequilíbrio entre os campeões europeus*).

Nem mesmo na Premier League, indiscutivelmente a mais empolgante e bem-organizada liga do planeta, os resultados têm saído do previsto. Em apenas uma das últimas sete edições o City foi desbancado – pelo Liverpool. Por dois anos seguidos, o Arsenal fez campanhas brilhantes, mas sucumbiu ao rival de Manchester na reta final. "O City domina, mas por uma margem estreita, e, a meu ver, muito mais por mérito do Guardiola. Tenho curiosidade para ver como será quando ele sair", argumenta Grafietti. Ao contrário do Real Madrid, um gigante inconteste, o City divide opiniões e ainda convive com a pecha de novo-rico e time sem camisa. Gerido pelo City Football Group, que pertence à família real dos Emirados Árabes Unidos (EAU), é constantemente investigado por violações ao *fair play* financeiro, mas, caso continue sem ser punido – e provavelmente não será –, seguirá brigando por taças ano após ano. A grande incógnita na Europa passa a ser o PSG, que venceu dez dos últimos doze campeonatos franceses, mas segue perseguindo o sonho da

MONEY, MONEY, MONEY...

A EVOLUÇÃO NA RECEITA DOS CLUBES MAIS RICOS DO MUNDO (em milhões de euros)

TEMPORADA 2000/01		TEMPORADA 2010/11		TEMPORADA 2020/21	
MANCHESTER UNITED	217,2	REAL MADRID	479,5	MANCHESTER CITY	644,9
JUVENTUS	173,5	BARCELONA	450,7	REAL MADRID	640,7
BAYERN DE MUNIQUE	173,2	MANCHESTER UNITED	367	BAYERN DE MUNIQUE	611,4
MILAN	164,6	BAYERN DE MUNIQUE	321,4	BARCELONA	582,1
LEEDS UNITED	164,6	ARSENAL	251,1	MANCHESTER UNITED	558,0
REAL MADRID	138,2	CHELSEA	249,8	PARIS SAINT-GERMAIN	556,2
LIVERPOOL	137,6	MILAN	235,1	LIVERPOOL	550,4
LAZIO	125,4	INTER DE MILÃO	211,4	CHELSEA	493,1
ROMA	123,8	LIVERPOOL	203,3	JUVENTUS	433,5
CHELSEA	118,4	SCHALKE 04	202,4	TOTTENHAM	406,2

Real Madrid liderou o ranking por 11 anos seguidos (2005 a 2015) e voltou ao topo em 2023, superando o City

Desde que foi comprado por um fundo catari, o PSG nunca deixou o top 10; antes da compra, estava abaixo dos 30

No último relatório (2023), seis equipes inglesas formaram o top 10

Clubes italianos despencaram de 2001 a 2023: Juventus foi de 2º a 11º e Milan, de 4º a 13º

Flamengo e Inter Miami foram apontados pela Deloitte como clubes não europeus "batendo à porta" do top 30

Flamengo foi 11º no ranking em 1997, no primeiro relatório. Em 2012, Corinthians foi o 24º

Fonte: Deloitte

inédita Champions. Há dois anos, o clube gerido pelo governo do Catar contava com Mbappé, Neymar e Messi no ataque. Os três saíram, o projeto naufragou, e agora o dono Nasser Al-Khelaifi tenta ao menos manter um time competitivo, bem menos estrelado.

Como comprovam os números da Deloitte, clubes tradicionais, especialmente os italianos Milan e Inter de Milão, despencaram nas listas de mais ricos. "Esses clubes de gestões perdulárias foram perdendo força com o *fair play* financeiro e agora tentam se recuperar com novos donos", diz o sócio da consultoria Convocados. A falta de competitividade gerou previsões bastante drásticas e um tanto exageradas. Segundo Florentino Pérez, "o futebol está passando por uma crise institucional sem precedentes em todos os níveis, tanto na Espanha quanto na Europa. A situação é muito séria. Precisamos mudar, ou o futebol como conhecemos não irá sobreviver". Segundo o presidente do Real Madrid, a solução seria criar uma Superliga de Clubes.

Em 2021, Pérez chocou o mundo ao liderar o lançamento de um torneio que pretendia substituir a Liga dos Campeões, reunindo como membros fixos os clubes mais poderosos do planeta. O projeto elitista foi implodido em apenas 48 horas em meio a protestos de torcedores, especialmente na Inglaterra. Dos 12 fundadores, sobraram apenas Juventus, Barcelona e, claro, o Real Madrid. O trio entrou em rota de colisão com a Uefa, que, no entanto, aceitou o fato de que as fases preliminares da Champions perderam a graça. O formato da competição mudará a partir da próxima temporada, de modo que os

Realidade distante: há 20 anos, o Porto de Deco e Mourinho bateu o Monaco na final das zebras da Champions

STELLAN DANIELSON

Clube 'torrou' os 222 mi de euros recebidos do PSG

FCB

MAS E O BARÇA?

Neymar, pandemia e trapalhadas levaram o rival do Real Madrid à ruína

Se o Real Madrid deu uma autêntica lição de gestão nos últimos anos, seu eterno rival fez o completo oposto. Não é modo de dizer: fosse uma empresa, o Barcelona teria quebrado. Ironicamente, a derrocada catalã teve início logo após a maior venda da história do futebol. Em 2017, Neymar chocou o mundo ao partir rumo ao PSG, por 222 milhões de euros, encerrando o trio MSN que formava com Messi e Suárez. Pressionada, a diretoria então comandada por Josep Maria Bartomeu fez contratações caríssimas (e desastradas), como Philippe Coutinho (por 145 milhões de euros, mais que o triplo do valor pago pelo Real para tirar Vinicius Jr. do Flamengo) e os franceses Dembelé e Griezmann (na casa dos 120 mi). Nenhum deles vingou e o clube se complicou ainda mais ao renovar com veteranos como Piqué, Alba e Busquets, essencialmente por gratidão – novamente na contramão do inimigo da capital. Para piorar, a pandemia do coronavírus fechou abruptamente uma das principais fontes de renda do Barça: seu museu e as arquibancadas do Camp Nou. A dívida decolou para mais de 1 bilhão de euros e obrigou Bartomeu a renunciar. Deu-se, então, o vexame supremo dos quase 125 anos da agremiação. Lionel Messi, o máximo ídolo azul e grená, se viu obrigado a deixar o clube, aos prantos, pois sua permanência era "impagável". O segundo clube mais vencedor da Espanha segue com altas receitas (é o quarto do mundo), mas já não seduz craques como antes. A imagem do esquadrão que encantava com jogo bonito e taças empilhadas vai ficando cada vez mais distante. A reforma do Camp Nou e o surgimento de novos prodígios, como Gavi e Lamine Yamal, são um sopro de esperança.

ACABOU A DISPUTA?

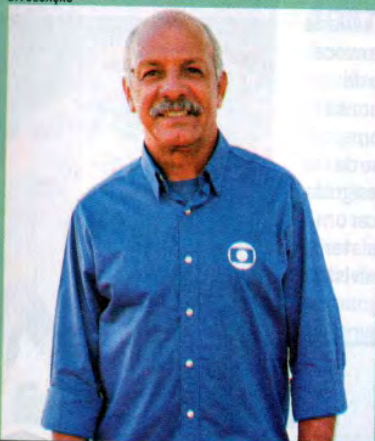
ENTRE OS ANOS 1980 E 2000, COMPETITIVIDADE ENTRE CLUBES E PAÍSES NA LIGA DOS CAMPEÕES ERA INTENSA. DE UNS ANOS PARA CÁ...

clubes mais badalados se enfrentem mais vezes. A confederação europeia também marcou um golaço institucional ao criar a Conference League, uma espécie de "Série C" dos torneios interclubes, cujos títulos foram celebrados com enorme entusiasmo pelos torcedores de Roma, West Ham e Olympiacos. Se, no topo da Europa, Real e City sobram, nas prateleiras abaixo a disputa é intensa, vide o número de zebras em 2024 – a Atalanta, da Itália, por exemplo, venceu a Liga Europa deixando Liverpool e o campeão alemão Bayer Leverkusen pelo caminho.

O debate se expandiu ainda mais com a entrada no jogo da Arábia Saudita. Além de megaestrelas em baixa, como CR7 e Neymar, a nova liga bilionária atraiu jogadores mais jovens e que se destacaram pelos lados de Riade, com o brasileiro Malcom e o sérvio Mitrovic, heróis do título do Al-Hilal. "Acredito que os árabes voltem para uma segunda rodada de contratações de jogadores da Europa, mas agora menos badalados e mais decisivos. Menos Benzemas e mais Mitrovics", aposta Cesar Grafietti. O especialista não vê esse movimento com uma ameaça para os europeus. "É até bom, pois assim os clubes reciclam os seus ativos. É uma forma de ganhar dinheiro com atletas que dificilmente seriam negociados num valor alto", diz. No fim das contas, o futebol árabe pode estar ajudando a reciclar talentos e a oxigenar a estrutura dos clubes. A história comprova que o esporte é cíclico e é seguro cravar que City e Real não vão reinar para sempre – mas certamente não terão concorrentes à altura no curto prazo. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

OS CAMPEÕES DE ESTILO

Enquanto a Eurocopa e a Copa América não terminam, PLACAR elege as camisas mais belas (e as mais equivocadas) das competições continentais

Por: Glauco Diógenes

AS OBRAS DE ARTE

ALEMANHA (reserva)

O degradê fúcsia é um ícone fashion do nosso *Zeitgeist* (espírito do tempo), e essa camisa tem tudo para se tornar um símbolo do torneio na Alemanha. Não à toa escolheram a designer de moda e modelo **Lena Gercke** para ser uma das estrelas do vídeo de lançamento. "Gosto dessa ideia de olhar para o passado, mas também para a frente. É muito divertido brincar com a moda combinando vintage com novas peças, novas tendências", disse Gercke. O uniforme chocou os tradicionalistas, mas acertou em cheio o coração dos torcedores mais jovens. **7/10**

ARGENTINA (titular)

Os campeões do mundo adotaram uma linha mais clean, evocando elementos do passado sem deixar de flertar com as tendências do momento. A composição tipográfica e os elementos dourados são um show à parte. **8/10**

BÉLGICA (reserva)

O modelo da Adidas honra a "ancestralidade" sem deixar de dialogar com o futuro, em um crossover de grande apelo. O novo tom azul-claro, combinado com calção marrom, é inspirado na roupa de Tintim, personagem criado pelo cartunista belga Hergé (1907-1983). Apesar de polêmica, pois a icônica série de histórias em quadrinhos evoca lembranças dos tempos de exploração colonial, a camisa dialoga com a cultura pop e, não à toa, foi um sucesso de vendas. Além disso, o design da camisa é **9/10** – se colocar um cinto e uma calça de alfaiataria, dá até para ir a uma entrevista de emprego.

ESTADOS UNIDOS (reserva)

Nostalgia e ousadia. O anfitrião da Copa América trouxe uma pegada retrô com uma variação de degradê, com gráficos mais acentuados, aplicação clean e uso do escudo em proporção adequada, além do trabalho tipográfico muito bem feito. **8,5/10**

ALEMANHA (titular)

Anfitrião que é anfitrião tem que "mitar" no look da festa, e a Adidas fez isso com a Alemanha – muito embora tenha levado uma rasteira da rival Nike e perdido o contrato de produção dos uniformes da DFB a partir de 2027, encerrando uma parceria de 70 anos. A marca alemã "caiu atirando" e confeccionou não só uma camisa que já nasceu icônica como toda a coleção de passeio e acessórios. A concorrente americana vai ter que colocar as barbas de molho, porque a barra ficou altíssima depois desta Euro. **9,5/10**

Glauco Diógenes, o "Mago do Design Esportivo", do canal "É Quarta-Feira", apresenta semanalmente o quadro Entorta-Varal, no Instagram da PLACAR www.instagram.com/revistaplacar/

URUGUAI (titular)

Ao que parece, a Nike quer retomar o domínio do design esportivo. A Celeste Olímpica, que sempre foi bem vestida pela Puma, recebe agora tratamento VIP da marca americana, com acabamentos, modelagem, grafismos e tipografias dignos de um campeão tão tradicional. **9/10**

BÔNUS TRACK: JAQUETA DO BRASIL

Releituras como esta trazem consigo um apelo emocional importante, que conecta não só torcedores mais velhos, que vivenciaram a história, como também os jovens que só ouviram falar dos grandes feitos de Ronaldo, Rivaldo, Zagallo e companhia. Dá-se um ponto de convergência entre gerações, a memória afetiva abre um diálogo e agrada aos amantes de um aspecto mais retrô. Esse golaço da Nike evidencia a tendência de recuperação do brilho dos anos 1990 e início dos 2000. **9/10**

AS BOLAS FORA

BÉLGICA (titular)

A alteração do tom e a combinação de preto com o bordô mais escuro definitivamente não ornaram, fora a composição com o novo design do escudo e demais grafismos. Tudo o que acertaram no uniforme reserva, erraram neste. **4/10**

ALBÂNIA (titular)

Além de um template sofrível e de uma marca-d'água com estética varzeana, a falta de melhor acabamento nos aviamentos e de legibilidade do modelo da Macron destoa das demais equipes europeias. Ao menos com a bola, o time dirigido pelo brasileiro Sylvinho fez um papel digno. **3/10**

BRASIL (titular)

Além das alterações na estrutura cromática, o novo design de gola – um "mandarim híbrido" – perdeu a função, que é estabilizar a camisa nos trapézios e pescoço dos jogadores, em prol de uma estética pretensamente disruptiva. Sem falar na estamparia branca, estilo "doodle" (desenhos em formas simples e livres), que foi mal executada e deixou o amarelo "desbotado". **3/10**

COSTA RICA (titular)

Às vezes, tentar seguir as tendências pode ser um tiro no pé. A prova viva disso é a Costa Rica, que apresentou esta estampa com fractais e figuras indefinidas, em contraste de tons escuros, mas que geraram um efeito pavoroso. Além disso, os grafismos de mangas e axilas não se conversam. **2/10**

IH, DEU ZEBRA!

O jornalista Vladimir Bianchini relata, em *Eles Calaram o Maracanã*, como o Santo André venceu a Copa do Brasil de 2004, um dos muitos resultados surpreendentes registrados no mundo da bola naquele ano

Nunca houve tantos resultados surpreendentes nos principais campeonatos de futebol do planeta. Em 2004, a Grécia ganhou a Eurocopa, o Porto conquistou a Liga dos Campeões, o Werder Bremen faturou a Bundesliga e a Copa da Alemanha, o Valencia foi campeão de La Liga e da Copa Uefa, enquanto o Zaragoza bateu o Real Madrid dos galáticos Zidane, Figo, Guti, Beckham e Roberto Carlos. Do lado de cá do Atlântico, o Once Caldas, da Colômbia, venceu a Libertadores. E, na Copa do Brasil, o Santo André dominou o Flamengo e ficou com a taça (depois de ter superado os também favoritos Atlético-MG, Guarani e Palmeiras nas fases anteriores). Essa fabulosa epopeia é contada pelo jornalista Vladimir Bianchini em *Eles Calaram o Maracanã*. Logo na apresentação, o também jornalista Alex Sabino crava: "É a maior zebra da história do esporte nacional. Inigualável". Ao longo de mais de 200 páginas, os personagens vão se sucedendo: do goleiro e suas defesas salvadoras ao atacante matador, passando pelos reservas que fizeram gols decisivos, pelo treinador, seus auxiliares e outros coadjuvantes da campanha inesquecível. O Santo caiu neste ano para a segunda divisão do Campeonato Paulista e disputa a Série D do Brasileirão. Mas o feito de 20 anos atrás segue vivo na memória de milhões. Confira a seguir alguns dos principais trechos do livro.

Faltavam poucas horas para o jogo mais importante da vida daquele grupo de jogadores. Era impossível não estar nervoso naquele momento. Sérgio Soares não conseguia parar quieto um minuto.

Não havia dormido na noite anterior. Andava de um lado para outro tentando controlar a ansiedade.

Na ausência de Péricles Chamusca, suspenso, era ele quem teria a difícil missão de comandar o Santo André, do banco de reservas, naquela final contra o Flamengo.

Mais do que pensar na estratégia, o auxiliar técnico precisava passar calma. Não se deixar intimidar diante do ambiente desfavorável.

A maioria dos seus atletas nunca tinha nem sequer pisado no Maracanã. Como suportariam a pressão de mais de 72 mil pessoas torcendo contra?

Sérgio resolveu subir ao gramado para sentir o clima nas arquibancadas.

Ficou por alguns minutos observando os flamenguistas, que não para-

vam de cantar "Sorte grande (Poeira)", grande hit do Carnaval de 2004 na voz de Ivete Sangalo e praticamente um hino extraoficial do clube rubro-negro naquele ano.

"Poeira, poeira, poeira / Levantou poeira..."

A confiança dos rubro-negros era total, mas o que mais chamou a atenção do auxiliar técnico foi um palco armado entre os bancos de reservas. Ao avistar o repórter Fernando Fernandes, da TV Record, ele perguntou:

"Fernandinho, pra que esse troço aí?"

"Sergião, os caras tão falando que a Ivete vai cantar aí hoje no título. Deve estar tudo armado para a festa, inclusive o palco. A Ivete só está esperando o jogo terminar", respondeu o jornalista.

"Ah, é? Tá bom", retrucou Soares, com ironia.

Ele sentiu que o menosprezo adversário seria sua melhor arma. Quando desceu de volta ao vestiário, já sabia como faria sua preleção.

Seria curta e grossa. Sem invenções.

"Vão lá no campo, tem um negócio diferente. Tem um palco armado para um show, mas que não foi feito para vocês. Vão deixar os caras cantarem 'Poeira' em cima de vocês?"

(...)

Ao perceber que tinha um bom elenco nas mãos, o técnico preferiu manter boa parte do trabalho feito por Ferreira até então. A principal mudança que ele implementou foi na parte mental dos jogadores, já que o clube não tinha psicólogo. Adepto de técnicas de motivação e autoajuda, ele tentava criar uma ideia vencedora por meio de conversas e vídeos.

"Falei logo na minha primeira palestra aos jogadores que tinha visto no Santo André o mesmo ambiente que havia vivido no Brasiliense. Eram jogadores de caráter e sem vaidade. Disse que era possível brigarmos por isso outra vez e tínhamos que acreditar", disse o técnico.

Os recém-chegados se surpreenderam com a amizade entre os jogadores, que costumavam chegar cedo aos treinos para tomar café da manhã juntos e conversar. Mesmo com o modesto desjejum oferecido pelo clube, que tinha o dinheiro contado, não se escutavam reclamações.

A mudança no comando colocou um temor na cabeça de Osmar, que achou que não iria jogar com o novo treinador porque tinha sido indicado por Ferreira.

O técnico tratou de logo superar a desconfiança na primeira conversa com o jogador.

"Osmar, você tem algum título na carreira?", perguntou Chamusca.

"Não, professor. Só tenho um vice nos Aspirantes", respondeu o atacante.

"Agora você vai ter a Copa do Brasil", bradou o técnico.

(...)

Tássio estava afastado pela diretoria do Santo André fazia mais de um mês. Nesse período, ele era obrigado a treinar de forma separada do restante do elenco. Geralmente o meia ia para o Bruno Daniel por volta das 13 horas, dava duas voltas correndo pelo campo e voltava logo em seguida para casa.

"Eu bebia todos os dias e estava gordo", confessou.

Uma tarde, ao chegar ao apartamento que dividia com outros colegas de time, foi surpreendido por Makanaki, que tinha um cheque de aproximadamente R$ 3 mil e o convidou para sair.

"De onde saiu esse dinheiro? Você tá roubando quem?", brincou Tássio.

"Isso é o bicho da Copa do Brasil por termos passado pelo Atlético-MG, rapaz", respondeu o atacante.

"O quê? Vocês tão ganhando tudo isso! E eu só aqui vendo? Amanhã vou dar um jeito de voltar para o elenco. Vou pedir desculpas", disse o meia.

(...)

"A gente treinava muito as bolas paradas, e tínhamos ótimos batedores como o Dedimar e o Élvis. Sabíamos das dificuldades deles e disputávamos no alto trombando com o Marcos. Lembro que eu perguntei ao Corrêa, volante do Palmeiras: 'Se der empate em 4 a 4, o que acontece?'. Ele respondeu: 'Vocês se classificam pelos gols fora de casa'. Fiz o terceiro gol e saí gritando para o pessoal que só faltava um!", disse Sandro.

(...)

Após o fim da partida, alguns jogadores do Palmeiras e do Santo André ficaram em dúvida sobre quem havia passado para a próxima fase e foram conversar com o árbitro.

Um deles foi Dedimar, que pensou: "Ainda bem que não fizemos feio". Assim que Sálvio pegou a bola, ele reclamou sobre o pouco tempo de acréscimo dado no segundo tempo. Só mudou de ideia quando viu alguns jogadores andreenses vibrando.

Seu companheiro de defesa, Gabriel, achou que a disputa iria para as penalidades:

"Eu estava tão concentrado que pensei que ia ter que bater um pênalti, mas no nosso banco de reservas todos queriam que acabasse logo o jogo", disse o zagueiro.

Ele resolveu tirar as dúvidas com o juiz:

"Esse empate é nosso?", perguntou Gabriel.

DARYAN DORNELLES

Na noite de 30 de junho de 2004, o favoritismo do Flamengo não valeu nada: com 2 a 0 no placar, o Santo André garantiu o título inédito para o clube

"Vocês estão classificados porque fizeram um gol a mais fora de casa", respondeu Sálvio.

O zagueiro então ajoelhou no chão e passou a chorar copiosamente, sem acreditar no que tinha acontecido.

(...)

O Santo André teria pela frente outra zebra na competição: o 15 de Novembro de Campo Bom-RS, talvez a semifinal mais alternativa da história da Copa do Brasil.

(...)

Incomodado com a seca de gols, Makanaki via os holofotes se voltarem para o amigo Tássio, que tinha balançado as redes em duas partidas seguidas na Copa do Brasil. Um dia, estava jogando videogame e bebendo uma cerveja na concentração quando resolveu desabafar com o parceiro de quarto.

"Pô, tá foda! A imprensa só vem atrás de você...", disse Makanaki.

"Claro, você não faz gol. Você é o primeiro atacante que não faz gol na história do futebol...", brincou Tássio.

A provocação do amigo mexeu com Makanaki, que tinha grandes chances de ser titular contra o 15 de Novembro.

(...)

Logo aos 10 minutos, o 15 de Novembro abriu o placar com Belmonte, que aproveitou um cruzamento dentro da área e completou de peixinho.

"Eu pensei: 'Malandro, fodeu para nós. Caralho, estamos fora! Chegamos tão longe para isso?'", disse Makanaki.

O Santo André teria que fazer mais três gols e não levar mais nenhum para buscar a vaga na final.

(...)

Assim que a partida terminou, Júlio César, Gabriel, Alex e Dedimar se abraçaram, sem acreditar ainda no que tinham feito.

O goleiro começou a chorar. Só pensava em ligar para a esposa, que nunca ia aos estádios e ficava muito nervosa nas partidas. Como o jogo não passou em televisão aberta, ela acompanhou o resultado pela "bolinha na tela" da TV Globo, que transmitiu o duelo do São Paulo pela Libertadores.

DARYAN DORNELLES

DARYAN DORNELLES

"Tem um palco armado para um show, mas não para vocês. Vão deixar cantarem 'Poeira'?"

Ele desceu correndo os apertados túneis em direção ao vestiário, mas no meio do caminho foi interceptado pelo delegado da partida para ir fazer o exame antidoping.

Assim que chegou à sala, viu entrar um homem alto e careca:

"Bah... Júlio César?", perguntou o estranho, com forte sotaque gaúcho.

O goleiro olhou para cima, meio incrédulo, e reconheceu o sujeito: Taffarel! O maior ídolo que o jogador andreense tem no futebol.

"Vim te cumprimentar porque falaram, na transmissão, de toda a sua história de superação da lesão. Que partida que tu fez!", disse o goleiro campeão do mundo em 1994.

Júlio ficou sem saber o que falar quando o ídolo pegou em sua mão. A única coisa que saiu foi um tímido "obrigado".

(...)

A torcida dos andreenses deu certo. O São Paulo foi eliminado na altitude de Manizales, e os jogos entre Santo André e Flamengo seriam os únicos transmitidos pela televisão para todo o país.

Por um sorteio realizado na CBF, ficou definido que o primeiro jogo seria em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro. Como em toda a Copa do Brasil – com exceção do Guarani –, a decisão seria longe de casa.

(...)

"Uma coisa que a imprensa falava era que toda vez que passávamos de fase éramos zebras. Eu fazia questão de falar que nós não éramos. Zebra é quem ganha de 1 a 0 com um gol na sorte. Nosso time era muito forte e não tínhamos aquele sentimento de jogar por uma bola. Poderíamos enfrentar qualquer adversário", disse Chamusca.

(...)

Ciente do favoritismo, o psicólogo do Flamengo fez um vídeo motivacional para o elenco cujo título era "Vocês querem levantar poeira ou vocês querem comer poeira nesta decisão?".

(...)

A vitória havia escapado do Santo André por uma falha boba, e o sentimento era de desânimo total. Júlio Cé-

sar desceu o túnel dos vestiários transtornado com o gol levado e chamou Sandro Gaúcho para tirar satisfação.

"Puta que pariu, como você abre a barreira no final do jogo? Não pode!", desabafou o goleiro, que queria "matar" o centroavante.

"Calma, Júlio! Eu vou fazer um gol lá no Maracanã", retrucou o camisa 9.

No meio da discussão, chegou Romerito, último jogador a entrar no vestiário.

"Podem levantar a cabeça. Não quero ninguém desanimado, podem ficar tranquilos. Nós vamos ser campeões lá dentro. Não tem como a gente perder para esses caras", disse o meia.

(...)

Se no Santo André o ambiente era leve e descontraído, o Flamengo vivia o clima exatamente oposto, apesar de estar invicto na Copa do Brasil (eram oito vitórias e três empates).

O time chegou ao Maracanã pressionado pelo grande favoritismo contra um adversário bem mais pobre e por ter vencido de forma inesperada o Carioca de 2004.

O clube da Gávea atravessava uma crise dentro e fora de campo. Os comandados por Abel Braga ocupavam o penúltimo lugar do Campeonato Brasileiro, com apenas uma vitória.

O título era visto como a grande salvação do ano para aplacar a pressão da torcida e reforçar os cofres rubro-negros.

Um tabu também jogava contra a equipe da Gávea: desde a Copa União de 1987, contra o Internacional, o clube não era campeão no Maracanã contra uma equipe de fora do Rio de Janeiro. Em 2003, o Fla havia perdido a final da Copa do Brasil para a máquina do Cruzeiro montada por Luxemburgo, que tinha Alex como grande craque.

(...)

Sob muita fumaça, a delegação andreense entrou em um gramado lotado de repórteres, dirigentes, torcedores e curiosos. Era uma confusão só!

Na hora de tirar a fotografia da final, foram chamados todos os 18 atletas relacionados para a partida, a comissão técnica, os membros da equipe médica e os funcionários da rouparia.

Esse gesto foi o símbolo de um grupo que havia chegado longe com muita união, que não ficou bem representada pelos uniformes.

Boa parte dos jogadores usava bonés, mas cada um deles trazia uma marca (que não era patrocinadora do clube) diferente.

Durante a semana antes da decisão, um empresário metido a boleiro do bairro do Brás, em São Paulo, foi atrás dos jogadores do Santo André durante os treinos.

Ele vinha com várias propostas de patrocínio, na realidade permuta, para que os andreenses entrassem vestidos com as marcas das lojas.

Em troca, os jogadores iriam ganhar geladeiras, televisões, fogões ou móveis.

"Hoje eu vejo a foto da final e penso: 'Que coisa ridícula' *(risos)*. Cada um está com um boné de uma loja diferente. Ficou feio", admite Júlio César, que entrou com uma marca de roupas.

(...)

O primeiro gol do Santo André não poderia ter saído de outra forma. Em uma jogada muito treinada por Chamusca e com o principal artilheiro do time.

Mesmo tendo só 1,75 m, Sandro sempre fez muitos gols de cabeça porque trabalhava demais para ter um ótimo senso de colocação e um tempo de bola correto.

Em poucos segundos, o estádio ficou calado...

"Nunca comemorei um gol com tanta alegria na minha vida! Pulei, girei os braços, tirei a camisa e a saí balançando no ar. Eu só escutava a voz dos meus companheiros gritando dentro de campo. Lá no fundo, tinha só um barulhinho da nossa torcida. Mas era um silêncio impressionante no estádio lotado", contou Sandro.

Enquanto isso, os torcedores festejavam nos bares e no Paço Municipal de Santo André, onde um telão transmitia o jogo.

Os jogadores do Flamengo passaram a demonstrar certo nervosismo com a situação.

"Quando um flamenguista errava um lance, a torcida vaiava e eu ouvia um companheiro dele xingar: 'Você é burro pra caramba, não presta atenção'. O castelo deles desabou", disse Gabriel.

(...)

Élvis entrou correndo na diagonal e venceu a marcação de Fabiano Eller quase na pequena área. Com um leve toque de pé esquerdo no contrapé de Júlio César, mandou a bola para o fundo das redes.

O camisa 10 extravasou a adrenalina correndo em direção aos torcedores flamenguistas com os braços levantados e gritando.

Ele ficou parado com a boca aberta perto da bandeirinha de escanteio, sem parecer acreditar no que fez. Boquiabertos também ficaram os presentes no Maracanã.

(...)

Na ausência de Ivete Sangalo, os próprios andreenses fizeram o show. Eles não pararam de cantar a trilha sonora daquela final:

"Poeira, poeira, poeira... levantou poeira." ■

***Eles Calaram o Maracanã** - Como o Santo André Conquistou a Copa do Brasil de 2004*, de Vladimir Bianchini, R$ 40 + frete (vendas pelo site alpharrabio.com.br/produto/eles-calaram-o-maracana-como-o-santo-andre-conquistou-a-copa-do-brasil-de-2004/)

REPRODUÇÃO ACERVO PLACAR

Reprodução da reportagem de 1982: um craque interessado em se aperfeiçoar ainda mais

UMA IMAGEM VALE MAIS QUE...

EM CASA, ENQUANTO SE RECUPERAVA DE UMA LESÃO, ZICO USOU UM 'NOVÍSSIMO' VIDEOCASSETE PARA ANALISAR O JOGO. EM SEGUIDA, CONVERSOU COM PLACAR SOBRE O QUE APRENDEU

Dois anos antes da Copa de 1982, Zico aproveitou uma lesão para ficar em casa vendo as próprias exibições pelo Flamengo na TV. Com o auxílio da melhor tecnologia disponível na época ("um sofisticado aparelho de videocassete"), identificou com mais clareza algumas de suas deficiências. Com isso, compreendeu e explicou a necessidade de movimentar-se mais em campo, em busca de se tornar ainda mais completo. Como todos sabemos hoje, o Galinho seguiu jogando o fino até 1994, quando se aposentou pelo Kashima Antlers, do Japão. Infelizmente, não ganhamos o Mundial disputado na Espanha, há mais de 40 anos. Mas aquela seleção permanece na memória dos mais antigos como uma das melhores que já vestiram a camisa canarinho em todos os tempos. Confira a seguir os principais trechos do texto original de PLACAR com as reflexões do craque sobre as mudanças pelas quais o futebol estava passando naquele momento.

O ZICO DO CASSETE!

Analisando suas atuações num sofisticado aparelho de videocassete, ele descobriu um novo modo de jogar: combatendo em todos os cantos do campo, criando espaços para si mesmo, participando mais

Por: Marcelo Rezende

Partindo de quem parte, trata-se de uma atitude no mínimo surpreendente. Aos 27 anos de idade, considerado um dos craques mais completos do Brasil, Zico resolveu reaprender a jogar futebol. Decisão que teria tomado, segundo alguns, depois de atingido por alguns comentários críticos de Telê Santana. Zico, porém, contesta a versão. O fato é que o Brasil está testemunhando o surgimento de um novo Zico – uma edição mais bem acabada do maior artilheiro que o Flamengo já revelou. Um Zico mais marcação, mais participação na defesa e no meio--campo e, nem por isso, menos gols. Enfim, um Zico atingindo a fase da plena maturidade.

É sexta-feira e Zico acaba de chegar à Gávea. Logo na entrada, recebe a encomenda de 100 minicamisas de plástico com o número 10 às costas e seu nome gravado na frente. Paga 500 cruzeiros pelo brinde que distribui entre seus mais "sortudos" fãs.

Fisionomia abatida, barba por fazer, Zico entra mancando. Está contundido na perna direita por pura irresponsabilidade dos cartolas. Afinal, como diz, este ano não houve tempo para trabalhar a musculatura – e, assim, como aguentar o ainda tresloucado calendário brasileiro?

O que mudou em você, Zico?

Eu não estava mais conseguindo jogar. A marcação era implacável, eu tinha pouco espaço lá na frente. Em casa, ao analisar minhas atuações no videocassete, notei que eu mesmo estava reduzindo meu espaço em campo. Notei erros de colocação, falhas de deslocamento. Então resolvi criar meu próprio espaço indo combater lá atrás. Venho agora com a bola dominada ou, às vezes, posso me projetar sem marcação.

Quer dizer que você prefere marcar menos gols, mas criar mais oportunidades para o time?

Nada disso. Prefiro as duas coisas e as duas podem ocorrer juntas, sem conflito. Essa minha nova maneira de jogar, que não é tão nova assim, passou a dar mais campo para meus companheiros e a confundir o adversário. Mas nem por isso deixei de conferir: em 19 partidas fiz 19 gols. Além disso, fugi do cabeça-de-bagre que os técnicos escalavam com o único intuito de me perseguir e dar porrada.

Você diz que a maneira de jogar não é tão nova assim?

Não é mesmo. O pessoal é que começou a reparar agora, depois que o Telê falou. Ultimamente eu já vinha fazendo isso, tentando descobrir novos caminhos dentro do campo. E acho que encontrei. Hoje posso ser um lateral eficiente ou um cabeça de área marcador. E isso não está me cansando nem mais nem menos. O que cansa é você ficar só numa posição, completamente marcado, e naquela expectativa: quando a bola vai chegar aqui? Quando esse beque vai se descuidar? No final, você deixa o campo morto, cabeça exausta, hipertenso, e não atuou nem 40% do que poderia.

Você diz que suas chances de gol não diminuíram. Mas como isso é possível se, agora, você está menos tempo presente lá na frente?

Aí está a chave do mistério que eu não conhecia. Eu só estou indo agora quando sinto a brecha. Aí, como venho de trás, com toda a visão da defesa adversária, sei onde me colocar, percebo qual o beque que está se colocando mal. Como meu raio de visão aumentou, consequentemente aumentou também minha visão de campo. Antes, eu só enxergava da intermediária adversária para a frente. Agora, pego os adversários no contrapé. Descobri a vantagem de unir nossa técnica à força de trabalho do europeu. Acredito, firmemente, que este é o caminho a trilhar rumo ao futuro, rumo à Copa de 1982.

Em termos práticos: você se considera o introdutor desta nova mentalidade no Brasil?

Seria muita presunção minha falar isso. Honestamente, sinto que todos estão procurando correr mais, se deslocar de maneira sincronizada, surpreender o adversário com uma marcação rígida. Jogador brasileiro tem o péssimo hábito de só pensar na partida quando tem a bola nos pés, mas isso felizmente está acabando. Afinal, precisamos de alguma coisa nova para chegar ao tetra, na Espanha.

Zico, quais as principais deficiências do seu futebol?

Preciso ainda me aprimorar em muitas coisas. E, para meu azar, o futebol brasileiro continua sem calendário, sem deixar tempo para o atleta se aperfeiçoar. De toda forma, preciso chutar melhor de esquerda com a bola em movimento; apurar meu reflexo; treinar mudança de ritmo – aquele momento dentro da área em que você está correndo com a bola e estanca momentaneamente, para logo depois arrancar com mais velocidade ainda e deixar o beque na saudade.

Zico mudou de mentalidade. Sem saber, talvez esteja seguindo o exemplo do inglesinho Kevin Keegan, do Hamburgo – incansável no combate aos adversário, nos mortíferos chutes a gol, nos milimétricos passes em profundidade, cérebro e coração do time alemão. Em poucas palavras: o Zico de sempre e, agora, cada dia mais transpiração. ■

FUTEBOL RAIZ

HÁ MAIS DE 50 ANOS, PLACAR REVELOU OS BASTIDORES DE UM TORNEIO INTERMUNICIPAL ENTRE 'SELEÇÕES' DE LIGAS NA FLORESTA AMAZÔNICA

Nem só de futebol profissional vive o homem. Muito ao contrário. É nos campos de várzea e nas peladas domingueiras que milhões de brasileiros se divertem e, por que não, sonham com um futuro de glórias com a bola nos pés. Se hoje o Amazonas é a principal estrela do esporte no maior estado do Brasil, uma competição amadora movimenta boleiros de todas as idades nos mais de 1,5 milhão de quilômetros quadrados da região. Desde o ano passado, a Copa da Floresta reúne as "seleções" das 45 ligas filiadas à Federação Amazonense, representando 32 dos 62 municípios locais. A Copa é uma espécie de herdeira do Campeonato Intermunicipal, disputado pela primeira vez em 1971. Dois anos depois (na edição de 28 de dezembro de 1973), PLACAR contou essa história pela primeira vez. Aquele sonho distante permanece vivo. Ainda mais agora que o Amazonas, fundado há apenas cinco anos, se tornou o primeiro time da Região Norte a conquistar um troféu nacional ao vencer a Série C do ano passado. Confira a seguir como era o desafio de participar de um torneio na imensidão amazônica há mais de 50 anos.

CLAUDIO S. PAULO

Epopeia: heróis anônimos lutam em campos precários por toda uma comunidade

A BOLA ROLA PELA SELVA

Pelo terceiro ano consecutivo realizou-se no Amazonas o Campeonato Intermunicipal. Uma competição de amadores, reunindo seleções de um interior que é muito mais interior do que qualquer outro no Brasil. Vencendo os rios, o futebol chega à floresta

Nicolau Libório

Dizem os sábios que ninguém melhor do que um velho para entender os sonhos de um menino. Só que, no nosso caso, o sonho era de um homem maduro, mas que precisou de um velho para levá-lo à frente.

Um dia, em visita a Manaus, João Havelange não conseguiu esconder uma surpresa quando Flaviano Limongi, presidente da Federação local, falou em uma incrível ideia: a realização de um torneio intermunicipal no Amazonas. Hábil cartola, Havelange não disse sim nem não a Limongi, embora não desse o mínimo crédito à ideia.

Aí entra o velho em nossa história, em socorro de Flaviano Limongi: o juiz de direito Adelino Costa, então aposentado, resolveu se dedicar ao sonho de Flaviano, que se mostrava disposto a tudo, inclusive a gastar dinheiro do próprio bolso para que o Amazonas tivesse um campeonato intermunicipal.

Adelino Costa recebeu carta branca para organizar tudo. O trabalho não foi fácil, afinal existiam ligas em que o desconhecimento das normas desportivas era completo. O falecido Adelino tratou de ajudar a uns e outros, transformou-se em consultor jurídico de todas as ligas e, em 1971, era realidade a primeira disputa.

Todas as seleções foram reunidas em Manaus, muitas delas depois de viagens cansativas. O município de Borba acabou como campeão. E Limongi sentiu que o seu sonho, se parecia grande no instante em que foi sonhado, na prática mostrava um erro: a capital já tinha futebol, o negócio era espalhar a disputa por todo o estado.

Não faltou quem o achasse maluco – e com alguma razão. Limongi sugeriu a divisão em chaves, designando como sedes os municípios de Parintins, Manicoré e Itacoatiara – em Manaus seria disputada apenas a final.

Veio o segundo Intermunicipal, o do ano passado. As seleções começaram a sentir as viagens cansativas – e Manaus acabou com o título de campeã. Mas que a ideia do gordo Limongi estava mais que certa prova uma coisa: hoje em dia, político amazonense que não apoiar o futebol fica naquela de pescador que joga o anzol no rio sem iscá-lo: não ganha votos.

E o Intermunicipal é uma verdadeira epopeia, em que heróis anônimos lutam por toda uma coletividade. Que diria Paulo César ao ver um jogador de "seleção" incapaz de colocar ataduras nos pés? Ou Jairzinho, se fosse obrigado a viajar quase dois dias num barco, sem nenhum conforto, comendo arroz, feijão e peixe?

No distante Amazonas, com seu interior até há pouco tempo esquecido, acontecem coisas: craques que nunca usaram meiões, atrapalhados pelas chuteiras, que são obrigados a usar, que jogam pelo prazer de uma oportunidade na gloriosa seleção de seus municípios.

Antes de ser jogador, o ídolo do interior amazonense quase sempre é agricultor, trabalhador braçal em obras públicas ou pescador e caçador.

Edenil Buzaglo, 30 anos, pedreiro, goleiro e vereador, rema quase hora e meia numa pequena canoa para chegar ao local onde treina a seleção de Novo Aripunã. É chegar, colocar seu material – um tênis usado, um calção surrado e uma camisa de passeio – e correr para debaixo de três paus, num campo sem grama e completamente aberto. O mais é treinar duro, garantir a posição.

Novo Aripunã é um município bastante distante de Manaus – quase dois dias e meio de barco. Mas o prefeito Wilson Paula de Sá procura facilitar tudo – ele é quem paga o técnico Osvaldinho, que anteriormente dirigia o Rio Negro, de Manaus.

– Sabe como é. Gosto de futebol e procuro ajudar a juventude. Daia, comerciante, técnico e vereador de Borba, explora ao máximo seu prestígio político decorrente do futebol. Fez com que a Câmara de Vereadores realizasse uma sessão apenas para estudar a participação do município no Intermunicipal e obteve dos colegas apoio unânime. Antes, sem maiores explicações, o prefeito havia negado qualquer ajuda. Com a decisão da Câmara, o homem tratou de botar as barbas de molho.

O Intermunicipal, reunindo municípios espalhados na vastidão do Amazonas, é dose para cavalo. Apesar disso, as contusões são mínimas. Não jogar, só por um braço ou perna quebrada, qualquer coisa semelhante.

– O bom é jogar. Se a gente pede pra sair só por uma besteirinha é porque não se deseja colaborar. Quando eu saio é sinal que não dá mesmo – afirma Gilson, da seleção de Novo Aripunã.

O preparador físico das seleções interioranas inventa os mais incríveis "métodos". Às vezes determina que seus atletas corram enormes distâncias e, para completar a dose, permite que os jogadores "brinquem" com a bola por mais duas horas.

– Outra coisa não existe. Mas preparo físico, meu chapa, eu quero é ver. Os rapazes correm que não é sopa – diz Osvaldinho.

Todos os problemas são enfrentados pelos selecionados sem a mínima reclamação. Bronca grande é na hora em que sai a lista dos convocados. Aí, se o técnico não tiver personalidade, acaba tendo que chamar meio município – que todos querem jogar.

Há certos problemas muito característicos. Rubem Correa, técnico de Itacoatiara, sentiu a barra pesada. Manhãzinha cedo, seus jogadores já haviam enxugado umas doses. À tarde, haviam derrubado algumas garrafas. Não havia jeito de treinar a valer. Que fez Correa? Procurou os donos dos bares de todo o município e explicou o problema, exigiu colaboração e recebeu a promessa: bebida para os craques, nem pagando.

– Só vou servi-los na comemoração. Aí, até eu mesmo vou tomar um tremendo porre. Eu quero bem à minha terra, tenho de ajudar o nosso futebol – explica Manoel Silva, antigo comerciante.

O sonho de um homem gordo e tranquilo, a confiança e o trabalho de um velho entusiasmado. Pena que o velho tenha partido antes de ver em que verdadeira guerra se transformou o Campeonato Intermunicipal do Amazonas. ■

Conforto: em Aripunã tem até um 'vestiário'

CLAUDIO S. PAULO

'ESTE É O NOSSO IDEAL'

COM INSTITUTO GALO, ATLÉTICO-MG ACRESCENTA A RESPONSABILIDADE SOCIAL EM SEU HINO E SE TORNA REFERÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO

A torcida do Atlético-MG está acostumada a cantar "vencer, vencer, vencer". Menos de três anos depois do seu lançamento, o Instituto Galo ajuda hoje a compor mais uma estrofe ao lado de "este é o nosso ideal", também presente no hino do clube. A responsabilidade social passou a ser um pilar da diretoria com ações e projetos para o benefício de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

O Instituto Galo, uma associação sem fins lucrativos, conta com a mobilização da massa atleticana e a conhecida hospitalidade do povo mineiro para fazer uma sociedade mais justa e humanitária. Atualmente, são sete projetos em andamento e previsão de mais quatro até o final do ano. Escola do Futuro, Escola de Música, Galo em Ação e Imortais são alguns dos principais projetos, que logo se tornaram referência e modelo a ser copiado no futebol brasileiro.

"O Instituto Galo quer ser exemplo para outros clubes. Não é só futebol. Os times têm que ter a responsabilidade social", disse Maria Alice Coelho, presidente do instituto. "Vamos atrás de onde há necessidade. A nossa meta é impactar 200 000 pessoas em 2024. Se, em um momento adequado, os clubes passarem a ser obrigados a ter institutos como o nosso, poderão ser 4 milhões de pessoas assistidas", completou Walter Fróes, vice-presidente.

Em outra frente, o instituto também realiza campanhas fixas de combate à fome e ao frio, doação de sangue, promoção da saúde, da educação e da cultura. Sempre quando chamado, o Galo Doido — o mascote do clube com cara de invocado, mas coração enorme — está presente para ajudar, também em ações pontuais aos mais necessitados.

O orçamento é totalmente independente dos cofres do clube. Os projetos são realizados a partir de receitas alternativas, incentivos fiscais vigentes na legislação do país, doações de empresários e faturamento da Arena MRV.

"São três anos de um trabalho intenso e gratificante, através do qual conseguimos transformar a vida de muitas pessoas. O futebol exerce grande influência nas pessoas e deve ser utilizado como mecanismo de transformação social", concluiu o presidente Sergio Coelho. ■

BRUNO SOUZA / CAM

DANIELA VEIGA / CAM

Por uma sociedade mais justa e humanitária: apoio da massa atleticana impulsiona os projetos do Instituto Galo

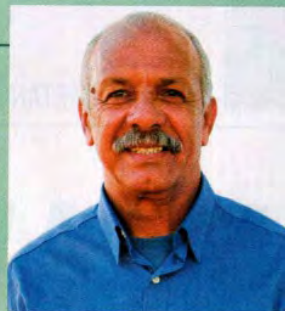
134 000 pessoas foram impactadas por ações no ano passado

2 030 crianças e adolescentes serão beneficiados por seis projetos em andamento e 14 projetos sociais em 2024

R$ 11 milhões é o orçamento direcionado para os assistidos

'BEM OFENSIVO, NÉ?'

O MAESTRO, ÍDOLO DO FLAMENGO E DA SELEÇÃO BRASILEIRA, REEDITA UMA DAS SEÇÕES MAIS TRADICIONAIS DE PLACAR – COM UM 4-3-3 INVEJÁVEL

TAFFAREL
GOLEIRO

Foi pioneiro, mudou completamente a forma como o goleiro brasileiro era visto e abriu portas na Europa

LEANDRO
LATERAL-DIREITO

Tinha todos os fundamentos, passe, cabeceio, lançamento, cobertura, velocidade. O mais perfeito que vi

CARLOS ALBERTO TORRES
ZAGUEIRO

Joguei com ele em 1977 e vi o quanto o Carlão era bom também na zaga: visão de jogo e cobertura impressionantes

MARINHO PERES
ZAGUEIRO

Tecnicamente acima da média, com boa impulsão, foi um dos grandes do futebol mundial por Brasil, Inter e Barcelona

MARINHO CHAGAS
LATERAL-ESQUERDO

Modificou a forma como os jogadores atuavam nesse lado, tanto como lateral quanto como meia-esquerda

GERSON
MEIO-CAMPISTA

O canhota de ouro, naturalmente. Pela visão de jogo, liderança, capacidade de ver o jogo, tudo o que vimos em 1970

RIVELLINO
MEIO-CAMPISTA

Não precisa falar muito coisa, né? Tinha chute e capacidade de lançamento únicos

ZICO
MEIO-CAMPISTA

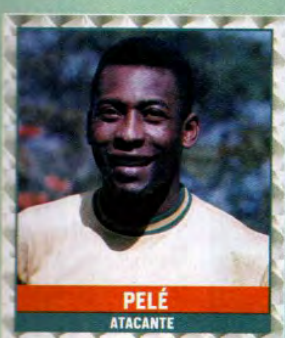
O Galo era impressionante, fazia gol de tudo que é jeito e comporia um meio bastante ofensivo

JAIRZINHO
ATACANTE

Fez gols em todos os jogos na Copa do México, sempre aliando força, velocidade e técnica

TOSTÃO
ATACANTE

O mais cerebral dos noves, sem ser centroavante. Sempre me encantou pela forma como antevia as jogadas

PELÉ
ATACANTE

O maior de todos, o Rei, não precisa de apresentação. O jogador mais completo de todos os tempos

CARLOS ALBERTO PARREIRA
TÉCNICO

Tenho admiração pela forma como modificou a seleção de 1994, que começou de um jeito e foi tetra de outro

MARCOS CAETANO

CANELA VELHA É QUE DÁ CONQUISTA BOA

"Imaginem por exemplo se, depois dos seus 40 anos, Zico pudesse entrar em campo para bater uma falta decisiva"

Nelson Rodrigues escreveu certa vez que "o jovem tem todos os defeitos dos veteranos e mais este: é jovem". Um contraponto óbvio (e ululante) a esse conceito seria dizer que os experientes têm todas as virtudes dos novatos e mais esta: são experientes. Há oito anos vivo nos Estados Unidos e não milito mais na área da crônica esportiva. Meu afastamento das câmeras, microfones e mesas-redondas aconteceu num momento bastante oportuno, uma vez que o futebol internacional, de uma forma geral – e o brasileiro, muito particularmente – atravessa um momento inanição, se comparado com as décadas nas quais eu estive na ativa, entre o final dos anos 1990 e meados da década passada. Dessa forma, os poucos que ainda se lembram de mim serão rápidos em fazer as contas e deduzir que eu tenho perto de 60 anos de idade. E talvez concluam que eu estou publicando este texto como uma espécie de ato de solidariedade aos craques coroas. No entanto, essa conclusão estará errada. Não porque eu não seja um coroa quase sessentão, mas porque eu defendo um espaço maior para jogadores veteranos nas principais ligas de futebol desde quando tinha meus 30 aninhos.

Recordo claramente de um texto que saiu no *Jornal do Brasil* e no *Estadão* (ambos veteraníssimos), no qual eu defendia uma regra capaz de mudar a dinâmica do velho esporte bretão. A regra não apenas seria simples de ser implementada, como também já existe em muitas outras modalidades esportivas. Minha proposta era a de acabar com o limite de substituições por partida, ao mesmo tempo em que fosse permitido a um jogador que foi sacado voltar a campo na mesma partida – exatamente como ocorre no basquete, no vôlei, no hóquei e em quase todos os esportes coletivos. Imaginem por exemplo se, depois dos seus 40 anos, Zico pudesse entrar em campo para bater uma falta decisiva para o Flamengo. Ou se Rivellino pudesse fazer os lançamentos diabólicos que fazia na seleção brasileira de Masters, nem que por apenas 10 ou 15 minutos por jogo, defendendo o Corinthians. O mesmo poderia ser dito de Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, Romário e muitos outros craques que, se pudessem entrar e sair em momentos críticos das partidas, poderiam ter estendido suas carreiras por no mínimo dez anos. Pelé parou de jogar em 1977, mas, se a minha regra já estivesse vigente em 1982, quem não gostaria de colocá-lo em campo nos últimos dez minutos daquela derrota sofrida de 3 a 2 para a Itália, no Estádio Sarriá?

LUCAS MERÇON / FLUMINENSE FC

Thiago Silva, 39 anos: o mais novo veterano do Brasileirão

Como a minha regra jamais foi cogitada, grandes ídolos perderam a chance de ser ainda maiores, de ter ainda mais títulos decididos para os seus clubes e seleções, e menos torcedores jovens puderam ter a chance de ver gigantes em campo. Sem a regra, resta-nos apenas torcer para que os grandes craques tenham saúde para retornar aos clubes de seus países de origem ainda em tempo de fazer diferença. Felizmente, isso tem sido mais e mais comum – e já temos pelo menos um caso de conquista inédita por um clube que apostou em formar sua espinha dorsal com craques veteranos. Estou falando, obviamente, do Fluminense campeão da Libertadores do ano passado. Um time que tinha Fábio no gol, Felipe Melo na zaga, Marcelo na lateral-esquerda, Ganso no meio e Cano no ataque, todos eles beirando ou já acima dos 40 anos de idade. Eu acredito que veremos uma saudável combinação de veteranos e jovens talentos conquistando cada vez mais títulos por clubes do nosso continente. Fico muito feliz com isso. E o velho Nelson certamente aplaudiria de pé. ■

Marcos Caetano é empresário nos EUA e foi executivo de marketing de grandes empresas do Brasil. Como cronista, contribuiu para os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* e para as revistas *Piauí*, *Bravo* e *Trip*. Foi comentarista da ESPN, RedeTV e Sportv, tendo participado da cobertura de cinco Copas do Mundo e três Jogos Olímpicos.